EDITORA ABRIL

PLACAR

AS MAIORES TORCIDAS DO BRASIL

EDIÇÃO ESPECIAL



- A HISTÓRIA
- AS PARTIDAS INESQUECÍVEIS
- A ÚLTIMA CONQUISTA
- OS ÍDOLOS

GRÊMIO

ÍNDICE

GRÊMIO



Sérgio Sade

4 A galera mais festeira do Sul

18 O campeão da Copa do Brasil

45 A seleção de todos os tempos

10 As partidas inesquecíveis

24 História: as lutas e glórias

48 Hino, escudo e uniforme

34 Grandes ídolos da torcida



Lemyr Martins

Haja chope: só nos anos 80, esta massa brindou a dois títulos nacionais, um da América, um do mundo e dois do Estado

ATÉ A PÉ ELES IRÃO

Em qualquer lugar do mundo em que o Grêmio jogue, uma bandeira tricolor tremula na arquibancada. A mais festeira torcida dos pampas faz questão da fidelidade

Dona Terezinha não é como essas pessoas que se dizem religiosas mas não freqüentam o templo. Religião para ela é coisa séria. Para se ter uma idéia de seu fervor, basta dizer que, de todas as partidas realizadas no Olímpico desde a inauguração do estádio, em 1954, até agora, ela só perdeu duas. E isso porque enterros de parentes coincindiram com os jogos.

Dona Terezinha Elaine Ferreira da Costa, 50 anos, é solteira. Marido nenhum a agüentaria, ela acredita, pois sua única paixão é o Grêmio. Um jogo, para ela, não é apenas um jogo: é um ritual. Ela é sempre a primeira a entrar no estádio. Entra, cumprimenta os porteiros, passa no almoxarifado, onde pega sua almofada com Vargas — ninguém é mais da casa que ela —, e vai se sentar no último degrau das sociais, no rumo da linha do meio de campo. Dali a pouco, quando as amigas aparecem, começa o jogo de cartas, intercalado por comentários sobre o rendimento desse ou daquele jogador, as concepções táticas do técnico, a colocação do time no campeonato. Tudo com o maior jeito de entendidas.

Chegar cedo é essencial, afirma ela. "A gente fica sentindo o estádio, a história do time, os fluidos e se sente integrada, feliz." Seu recorde aconteceu no Grêmio x Peñarol de 28 de julho de 1983, decisão da Libertadores: o jogo começava às 9 da noite e ela chegou à 1 da tarde.

Quantos gremistas quase tão fanáticos como ela existem? Muitos. Mas, também como ela, são pouco conhecidos: o crescimento das cidades e dos estádios, e até o surgimento das torcidas organizadas, ajudou a mantê-los no anonimato. Por isso, quando o assunto são os torcedores, é mais fácil recordar os tipos do passado, quando as pessoas eram identificadas com mais facilidade. Como *Bombardão*, dos anos 30 e 40. Numa parede do Olímpico ainda há uma foto de Bombardão — barba rala, cigarro de palha apagado e preso atrás da orelha, chapéu amassado e roupa simples. E o ▶



Lemyr Martins

Dona Terezinha no Olímpico, jogando cartas à espera da partida: sempre a primeira a chegar

detalhe: ele era negro, o que o tornava uma raridade, pois naquela época os negros torciam para o Internacional. Bombardão, entretanto, não tinha vergonha de espalhar sua paixão pelo tricolor e nos dias seguintes às vitórias sobre o Internacional sua gargalhada forte e grave ecoava pelos quarteirões como o barulho de uma bomba — é essa a origem do apelido. Era sua maneira de gozar os colorados. Um dia, Bombardão tomou um porre e apareceu morto num beco próximo ao porto do Guaíba.

Os anos 50 revelaram outro torcedor folclórico: *Camelinho*. Branco, alto e magro, ganhou o apelido por andar meio encurvado. Mas não só isso o difere do bom crioulo que o antecedeu: se Bombardão divertia a torcida e se contentava com qualquer resultado, Camelinho se irrita com as derrotas e vai para trás do túnel protestar. Nas vitórias, porém, os colorados que o conhecem evitam cruzar com ele na Rua da Praia, pois até hoje o irônico Camelinho domina os grupinhos de gremistas na mais famosa rua da cidade.

Só os mais velhos identificam esse torcedor surgido nos primeiros tempos do Estádio Olímpico. Boa parte de sua fama, na verdade, se deve à seção "Veneno do Largo", do antigo jornal *Folha Esportiva* — referência ao Largo dos Medeiros, trecho da Rua da Praia onde malandros e doutores se reuniam para conversar. Muitas vezes o redator do "Veneno do Largo", que se assinava "Galho de Urtiga", escrevia piadas sobre os colorados e transferia a paternidade delas a Camelinho — que assumia.

Dos anos 70 para cá, Camelinho perdeu um pouco de seu encanto, não apenas pela massificação das torcidas mas também porque resolveu tomar partido na política do clube. Alguns anos atrás, fez campanha para uma facção oposicionista e pagou por isso: quando apareceu no vestiário, na noite da conquista da Taça Libertadores da América, o capitão do time, De León, ofendeu-o aos berros: "Tirem esse agitador daqui".

De qualquer forma, Camelinho po-



Abril

Bombardão: nos anos 30 e 40, o torcedor mais popular do Grêmio gozava os colorados com gargalhadas bombásticas, que ecoavam pelo centro da cidade



Olivio Lamas

Camelinho: bom humor na Rua da Praia, sempre atraindo ouvintes para suas tiradas



Fernando Pimentel

João Leitão de Abreu, Emílio Médici e João Batista Figueiredo: três torcedores ilustres no Palácio do Planalto, em Brasília

deria gabar-se do fato de ter sido do grupo que o cercava na Rua da Praia que saiu um dos mais famosos comentaristas esportivos do Rio Grande do Sul: Paulo Sant'Ana. Torcedor fanático, o escrivão de polícia Sant'Ana inaugurou no jornal *Zero Hora* um novo tipo de cronista: o que assume seu clube e usa a linguagem apaixonada dos estádios. Com espaço também no rádio e na televisão, ele se elegeu duas vezes vereador em Porto Alegre, graças, sobretudo, ao reconhecimento da torcida gremista.

O Grêmio tem torcedores até mais ilustres que Sant'Ana entre políticos, ainda que sem votos. O mais famoso é nada menos que o ex-presidente da República João Figueiredo, cuja foto com a camisa do clube ornamenta uma das salas do Estádio Olímpico. Figueiredo até assistiu a um Gre-Nal quando era presidente — na noite de 20 de setembro de 1979, 1 x 1, gols de Leandro para o Grêmio e Jair para o Internacional. Mas ele tinha contra si o fato de ser um daqueles torcedores que dividem sua paixão entre os diversos clubes do país.

Mais autêntico que ele era o general Emílio Garrastazu Medici, que freqüentava o Olímpico quando comandante do III Exército e, uma vez na Presidência da República (1969-1974), fazia coincidir suas visitas ao Rio Grande do Sul com jogos importantes do Grêmio, para poder assisti-los. Mais: em Brasília, as televisões recebiam ordens de colocar no ar qualquer jogo do Grêmio que o presidente quisesse ver, mesmo que esses jogos coincidissem com clássico do Campeonato Carioca.

Entre outros gaúchos que se beneficiavam com isso, incluía-se João Leitão de Abreu, ministro-chefe da Casa Civil de Medici e novamente no cargo do governo Figueiredo. Leitão de Abreu foi presidente do Grêmio em 1960 e de seu Conselho Deliberativo por muitos anos seguidos. Escorregadio ao falar de política, ele se abre em sorrisos para qualquer jornalista se o assunto for o clube, cujos problemas acompanha de perto, mesmo morando em Brasília. "O quê? Vender Renato? E aí? O que faríamos com o dinheiro? Certamente não compraríamos outro jogador igual", declarou no início de 1987, quando se discutia a transferência do maior ídolo da torcida para o Flamengo.

Na defesa dos interesses do Grêmio — como no caso da venda de Renato —, Leitão de Abreu tomou a mesma posição de dona Terezinha e de todos os outros torcedores, embora fossem derrotados. Pois o que interessa é manter o Grêmio tão ou mais forte que o Internacional. É essa rivalidade que empurra os dois clubes para cima — e ela existe desde 1909, quando o rival foi fundado.

Nos estádios, quando os dois times se defrontavam, as diferenças entre as torcidas eram muitas vezes tiradas no braço. "Ou com bengalaços", corrige Osvaldo Rolla, um gremista histórico, ▶

lembrando o tempo que as torcidas eram formadas por almofadinhas. Mas às vezes a coisa era mais séria. Veja-se esse relato do *Correio do Povo* de 6 de agosto de 1918 a respeito do Gre-Nal realizado dois dias antes: "Houve um conflito no ground do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense, situado nos Moinhos de Vento. Mal havia começado o Match sucedeu cair a bola fora do campo. Como houvesse dúvidas sobre a quem deveria pertencer a bola, um dos assistentes dirigiu um insulto ao sr. Ricardo Kluwe, jogador do Internacional. Este, abandonando o campo, tratou de repelir a ofensa, estabelecendo-se então um grande tumulto entre os partidários dos dois clubes. Houve troca de bengalaços e socos até que Manoel Costa, empregado da Empresa Telefônica Rio-Grandense, armado de faca, desferiu um golpe no jovem Álvaro Ribas, player do Internacional, na região ilíaca. Com o intuito de separar os contendores, interveio na luta o jovem Otávio Telles de Freitas, que foi ferido a faca na perna esquerda. Manoel, que tentou resistir à prisão, só entregou a faca ao dr. Aurélio Py, prócer do Grêmio. E quase foi linchado na saída do estádio, antes de ir para a casa de correção".

Esta graciosa descrição dá a entender que as duas torcidas estavam mais ou menos em igual número no Estádio da Baixada. Ou seja, que elas eram mais ou menos parelhas na cidade. E é curioso que o Grêmio, mesmo fundado com seis anos de antecedência, não tivesse um contingente maior na cidade. Talvez porque fosse considerado "clube de alemão".

A verdade é que, ao longo dos anos, as especulações mostraram a torcida do Grêmio no máximo igual à do Inter, nunca maior. Até que uma pesquisa encomendada por PLACAR ao Instituto Gallup desfez o equívoco. Segundo essa pesquisa, publicada em julho de 1983, a torcida do Grêmio de fato perde para a do Inter no Estado do Rio Grande do Sul — e assim mesmo por pequena margem: 49% a 46%. Mas em Porto Alegre, sede dos dois clubes e



Sergio Sade

Aberto às grandes massas desde o início dos anos 50, o tricolor é um clube que abriga torcedor de todo tipo. As pesquisas dizem que 53% das porto-alegrenses são gremistas



Abril

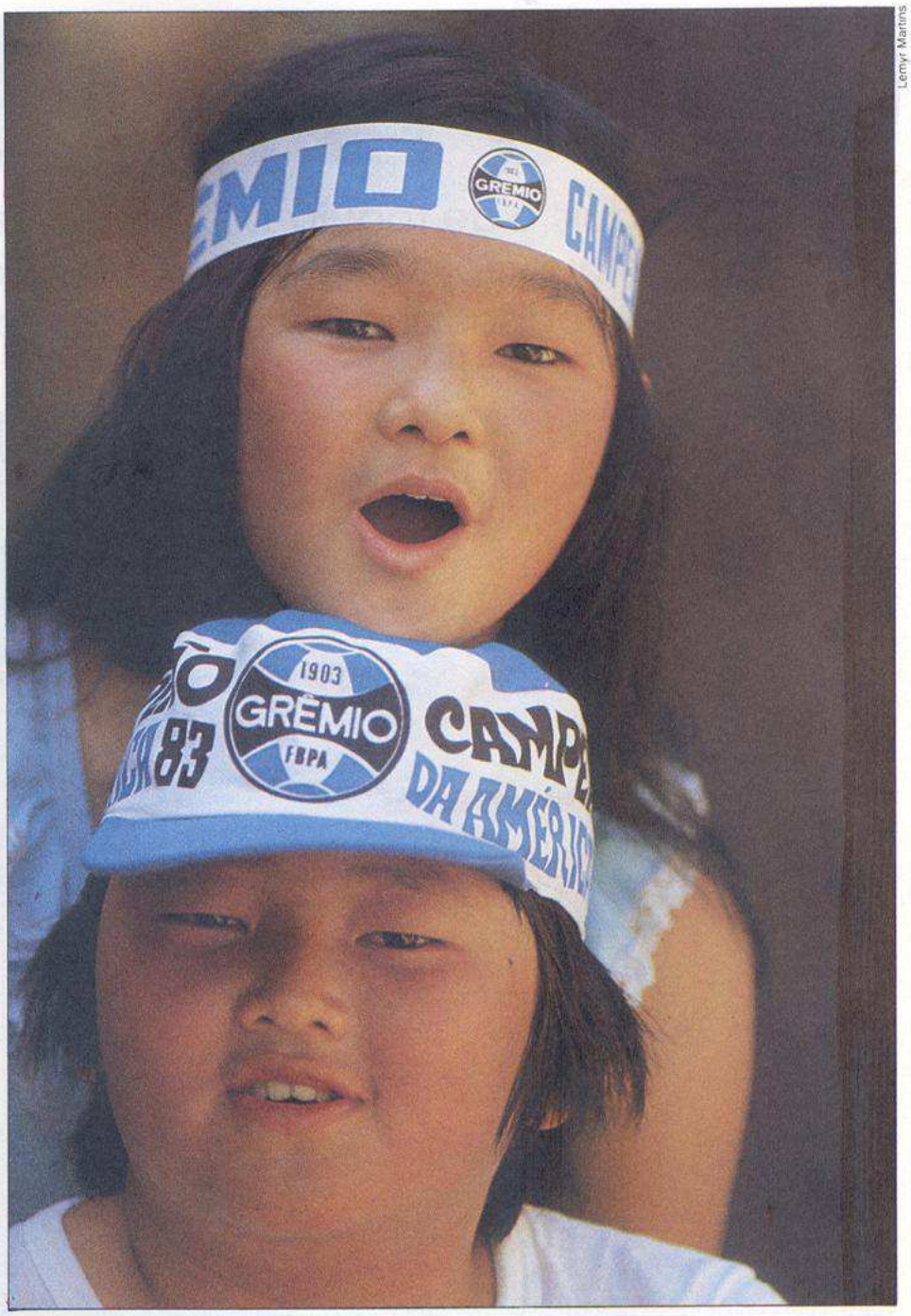
Paulo Sant'Ana: o cronista que virou ídolo ao se comportar como torcedor apaixonado

onde residem os torcedores mais atuantes, o Grêmio vence por larga margem: 53% a 44% (os outros 3% responderam que torcem por outro ou por nenhum time). Assim, explica-se o que era considerado um fenômeno — o de os jogos do Grêmio na capital atraírem mais público mesmo em época favorável a seu adversário.

É possível que até o início dos anos 50 metade da cidade fosse azul e metade vermelha. Mas, a partir daí, vários fatos concorreram para que o Grêmio tomasse a dianteira e se tornasse, sem nenhuma dúvida, um clube de massa. O primeiro foi a abertura aos jogadores negros, em 1952. Naquele ano, o presidente do clube, Saturnino Vanzelotti, convivia com uma certeza e uma dúvida: "Acabo logo com o preconceito. Mas que negro contratar?" Um dia, na Rua da Praia, ele revelou seu drama a Aparício Vianna e Silva, técnico juiz-jornalista e já figura folclórica. "Tesourinha está dando sopa no Vasco, por que não trazê-lo de volta?", sugeriu Aparício. "É esse!", explodiu Vanzelotti. Naquele mesmo ano, o maior ídolo do Inter na década de 40, vestia a camisa do Grêmio — e, a partir daí, os negros aos poucos começaram a freqüentar as arquibancadas da Baixada.

Depois, veio a inauguração do Estádio Olímpico, em 1954, e a conquista de doze campeonatos gaúchos até 1968. De 1976 a 1980, a campanha era para a conclusão do Olímpico, sem prejuízo da contratação de grandes jogadores. Em 1981, a conquista do Campeonato Brasileiro... Ou seja: há mais de trinta anos não faltam razões para o crescimento da torcida.

Hoje, não há o que distinga as arquibancadas do Olímpico das de outros estádios brasileiros. Elas abrigam brancos, negros, mulatos, judeus — até uma torcida de homossexuais, a Coligay, teve seu espaço de 1978 a 1981. Comandada por Wolmar Santos, dono da boate Coliseu, por algum tempo a Coligay sofreu a discriminação de outras torcidas organizadas. Mas acabou por se impor graças ao apoio da imprensa e dos próprios jogadores. Afinal, acompanhando o time em longínquas cidades do interior, debaixo de chuva ou no frio, ela se revelou, em certa época, a mais fiel torcida organizada do clube.



Lemyr Martins

Desde 1983, quando o time conquistou o maior título de sua história, é assim: falou Japão, falou Grêmio

A Coligay terminou. Foi apenas uma onda. Mas, ainda que para muitos seja de má memória, ela demonstrou que, em Porto Alegre, o Grêmio é mesmo o clube de todos. ●

AS PARTIDAS INESQUECÍVEIS

O BAÚ DAS GLÓRIAS

A conquista de Tóquio, o título brasileiro no Morumbi, o dia em que Volmir entortou Djalma Santos — eis alguns dos jogões que levaram o torcedor ao delírio



"Grêmio campeão do mundo: nada pode ser maior", escreveram os gremistas numa placa sobre a marquise do Estádio Olímpico, após a vitória de 2 x 1 sobre o Hamburgo, em Tóquio, dia 10 de dezembro de 1983. Uma frase simples para expressar um orgulho que na verdade é muito difícil de exprimir.

Nunca se esperou tanto por um jogo. De 28 de julho, quando conquistou a Taça Libertadores da América, até a ▶





Fotos Jurandir Silveira

Renato *(à esquerda)* marca seu primeiro gol contra o Hamburgo e De León (acima, com Osvaldo) ergue a taça do campeão do mundo: a máxima glória tricolor

decisão do título mundial, os torcedores não falavam em outra coisa — houve quem vendesse tudo o que tinha para viajar até o Japão e ver a festa ao vivo.

Foi uma partida bonita, que terminou empatada no tempo normal e foi decidida na prorrogação de 30 minutos. O Grêmio começou muito nervoso, errando passes fáceis. Os jogadores sentiam o peso dos quatro meses de preparação para aquela partida e pareciam estar numa solenidade. Aos 10 minutos, o abusado Renato cansou daquilo e gritou: "Olha aqui, turma, faz de conta que a gente está enfrentando a Aimoré". Funcionou. A equipe se soltou mais e, aos 38, Renato mostrou que estava mesmo à vontade: deu três dribles em Schroeder, foi à linha de fundo e chutou entre a trave e o goleiro Stein: Grêmio 1 x 0. Os alemães olhavam Renato como os europeus para Garrincha na Copa de 1958, sem entender nada daqueles dribles malucos.

O tricolor poderia ter liquidado o jogo nos primeiros 10 minutos do segundo tempo, mas perdeu as quatro chances que criou, provavelmente porque a aproximação da glória afobava os jogadores. Aos poucos, os alemães foram equilibrando a partida. Os 60 000 japoneses que lotavam o Estádio Nacional gostavam do espetáculo. No Grêmio, Mário Sérgio orquestrava os movimentos do time; no Hamburgo, o meio-campista Magath, da Seleção Alemã, respondia com igual talento. A diferença era que o Grêmio avançava com a bola no chão e os alemães abusavam dos centros sobre a área. Então, aos 41, quando as duas equipes já estavam cansadas, um desses chuveirinhos encontrou Jakobs sem marcação no meio da área: 1 x 1.



1958: nos Eucaliptos, o estádio do Internacional, uma das viradas mais emocionantes

Aos 3 minutos da prorrogação, Renato se tornaria o herói definitivo e absoluto do jogo. O passe veio de Tarciso, de cabeça; ele dominou já dentro da área, ameaçou chutar de pé direito, mas deu a cortada e Jakobs desabou a sua frente. Então, de pé esquerdo chutou rasteiro, no canto esquerdo.

Três dias depois, em sua coluna no jornal *Zero Hora*, o colorado Luís Fernando Veríssimo definiu com precisão os sentimentos dos gremistas. Um trecho de sua crônica: "Quando o Internacional foi campeão brasileiro pela primeira vez, não nos parecia adequado comemorar a realização de um sonho impossível com as mesmas palavras e gestos, até com o mesmo corpo com que se comemoram as vitórias razoáveis. Era preciso outro vocabulário, uma maneira ainda não inventada de ser feliz. Imagino que meus amigos gremistas estejam hoje com o mesmo problema".

Não foi uma vitória decisiva: afinal, era apenas o primeiro turno do Campeonato Gaúcho. Mas ela ficou para sempre na memória dos gremistas porque foi uma virada que pertenceu a um único herói — ao velho mito do solitário que vence todas as dificuldades. O homem era Juarez, o negrão Juarez, o *Leão do Olímpico*.

Foi no dia 17 de agosto de 1958, um domingo nublado. Aos 9 minutos do segundo tempo, Bodinho pegou uma bola no ar, fora da área, e mandou no canto esquerdo: 1 x 0 para o Inter.



Fotos Abril

1965: algum santo baixa em Volmir e ele atormenta a vida do grande Djalma Santos

Quando o juiz recolocou a bola no centro do campo, o homem do Grêmio que se postou para dar nova saída não era Rudimar, que vestia a camisa 9, mas Juarez, o da camisa 11. Erradamente escalado na ponta, o raçudo e valente Juarez não tinha rendido nada até então. Agora, o técnico Foguinho corrigia o erro e colocava seu centroavante no lugar certo. Quase todo o estádio prestava atenção no choro convulso de Verardi, centromédio do Inter, cujo pai havia morrido dois dias antes — a vitória iminente tinha mexido com seus nervos. Mas quem se detinha no detalhe de Juarez escalado em sua posição sentia que algo estava para acontecer.

Aos 33 minutos, no auge do pandemônio que provocava na defesa do Inter, Juarez avançou pela direita, driblou Barradinhas, passou aos tropeções por Florindo — um negro também forte chamado *Gigante de Ébano* —, cruzou a bola na frente do gol e Vieira emendou para as redes. Quando faltavam 7 minutos para o final, Juarez controlou a bola em meio a nova confusão e chutou na trave; na volta Gessi marcou.

Vinte mil colorados abandonaram o estádio em silêncio, cinco mil gremistas comemoraram atirando cadeiras, garrafas e laranjas para o gramado. O lateral-esquerdo Mourão subiu o alambrado e pulou nos braços da torcida.

Fazia-se carnaval no vestiário. Modesto, Juarez foi o primeiro a correr para o ônibus. O técnico Foguinho foi atrás e gritou agarrando-o pelas roupas: ''Foi a maior atuação de um atacante que já vi num Gre-Nal''. Juarez, que já era um ídolo, e a partir daquele jogo seria rei, sorriu modesto: ''Que nada, não foi tanto assim''.

A maior atuação do Grêmio nos anos 60 aconteceu na noite de 27 de outubro de 1965: 5 x 1 no Palmeiras, pela Taça Brasil. O Estádio Olímpico, ainda não concluído, abrigou o maior público desde sua inauguração, onze anos antes — 51 000 pagantes. Os que não conseguiram entrar amontoaram-se no morro ao lado.

O Grêmio tinha um timaço: Arlindo, Altemir, Aírton, Paulo Souza e Ortunho; Cleo e Sérgio Lopes; Vieira, Joãozinho, Alcindo e Volmir. E o Palmeiras, que jogava o futebol mais vistoso do Brasil, era chamado de Academia: Doná, Djalma Santos, Djalma Dias, Procópio e Ferrari; Dudu e Ademir da Guia; Julinho, Servílio, Ademar e Rinaldo.

No primeiro jogo, uma semana antes, em São Paulo, o Palmeiras vencera por 4 x 1, mas os tricolores reclamavam que pelo menos dois gols haviam sido roubados pelo juiz Eunápio de Queirós. Assim, quando o árbitro Armando Marques aparece no gramado, surgem faixas que dizem: ''Exigimos juiz honesto''. É um clima de Revolução Farroupilha, o que incendeia ainda mais o ânimo dos jogadores gaúchos.

Nos primeiros 3 minutos, o Grêmio toma todos os espaços do Palmeiras e fica chutando a gol. A barulheira da torcida completa a tortura dos paulistas. A defesa tricolor não é exigida e, do meio-campo para frente, todos fazem exibições de luxo. Cleo anula Ademir da Guia, o maior jogador do Palmeiras. Sérgio Lopes cadencia, ora tocando para o lado, ora esticando passes precisos para os atacantes explodirem sua raça na área. Joãozinho briga no meio-campo e se junta a Alcindo em bonitas tabelas. Vieira, na direita, cumpre importante função tática ao ajudar na marcação a Rinaldo, o articulador que desequilibrara o jogo em São Paulo. Alcindo é pura fúria no comando do ataque. E Volmir simplesmente cumpre a maior atuação de sua carreira em cima do legendário Djalma Santos, o melhor lateral-direito da história do futebol brasileiro. Dribla-o para todos os lados ou, então, literalmente, passa por cima dele.

O primeiro gol surge aos 34 minutos. Aírton vai para o ataque e serve a Alcindo de cabeça; o *Bugre Xucro* emenda do jeito que a bola vem, no canto. Aos 44, Volmir é derrubado na área por Djalma Dias. Pênalti que o mesmo Alcindo cobra no canto esquerdo. Mal começa o segundo tempo e o Grêmio faz outro gol. Aos 3 minutos, Volmir pega a bola no meio do campo, passa por Djalma Santos, Dudu, Djalma Dias e Procópio, e, já dentro da área, chuta forte no canto esquerdo. O quarto acontece aos 16, feito por Joãozinho.

O Palmeiras descontou aos 27 com Zequinha, que substituíra a Ademir da Guia. A torcida do Grêmio até aplaude, mas exige outro gol como compensação. E o Grêmio faz o quinto, o mais lindo: Joãozinho tabela com Alcindo, corta Procópio e desloca o goleiro. Dois dias depois, no jogo-desempate em São Paulo, o Palmeiras venceria por 2 x 0. Mas os gremistas jamais esqueceram aquela fantástica exibição de 27 de outubro.

AS PARTIDAS INESQUECÍVEIS

Quarenta minutos do segundo tempo do Gre-Nal de 25 de setembro de 1977, no Estádio Olímpico. A defesa do Grêmio segura o 1 x 0 como guerreiros que defendem a última trincheira. Tensa e agitada, a torcida tricolor mantém um olho no gramado e outro no relógio, ansiando pelo final do jogo. A espera não começara às 10 da manhã, quando os primeiros espectadores chegaram ao estádio, nem quando o juiz Luís Torres apitara o início do jogo, às 4 da tarde, e nem mesmo após o solitário gol de André Catimba, aos 42 do primeiro tempo. Os gremistas esperavam desde 1968, quando o time conquistara o último título. E agüentando o deboche dos colorados durante esse longo período. Assim, era explicável que, aos 40 minutos do segundo tempo, centenas de gremistas invadissem o campo para abraçar e beijar seus jogadores: em sua ânsia, eles confundiram a marcação de uma falta com o apito final.



1977: André Catimba escapa de Gardel e, antes da chegada de Marinho Peres, marca o gol do caneco esperado há oito anos...

O clima de otimismo nascera da certeza de que o campeão só podia ser o Grêmio. Era mais time que o Inter — sobretudo pelo sentido de conjunto imprimido pelo técnico Telê Santana — e, ao longo do campeonato, demonstrara muito mais gana de vencer. Por isso, na véspera, só se viam bandeiras tricolores desfilando pela cidade.

O jogo confirmou tudo. Aos 20 minutos, o Grêmio já merecia pelo menos ter marcado um gol. A grande chance chega aos 25: Gardel mete a mão na bola, é pênalti. Mas Tarciso cobra para fora.

O golpe não abala a determinação da equipe, que continua cercando o Inter em seu próprio campo. O prêmio chega aos 42. Iúra percebe que André Catimba se desloca do centro para a meia-esquerda e lhe solta a bola. André engana Gardel com o jogo de corpo, entra na área e chuta como não se espera — de pé direito, alto, no ângulo mais próximo. Heróico e azarado André: ao comemorar, com um salto mortal, sente uma distensão na coxa em pleno ar e desaba de peito no chão. É substituído pelo velho Alcindo, glória do Grêmio dos anos 60, que retornara para mais uma temporada.



Fotos Olívio Lamas

...Depois comemora com um salto mortal

No segundo tempo, o Inter tenta reagir, mas o Grêmio segura o resultado até a invasão dos torcedores, logo seguida pela dos colorados. O pau quebra,' com os jogadores no meio. Alguém acerta o juiz e, alegando falta de condições, o Inter se retira e manda dizer que vai contestar o título na Justiça. Mas o diretor de futebol do Grêmio, Nélson Olmedo, resume a questão: ''Agora, o caneco já está no armário, o bicho no bolso e o povo na rua''.

Em 1989, o Inter completou 35 anos sem dar uma goleada no Grêmio. No mesmo período, o Grêmio aplicou nove goleadas no Inter — entendendo-se como tal o resultado em que o vencedor marca quatro gols ou mais. Uma das mais brilhantes delas aconteceu em 6 de novembro de 1977, no Beira-Rio, pelo Campeonato Brasileiro: 4 x 0. Mais: foi a sexta vitória do Grêmio em Gre-Nais naquele ano. Só isso já demonstra a superioridade de sua equipe sobre a do arquiinimigo, que contava com celebridades como Falcão, Batista, Caçapava, Jair e Valdomiro. Mostra também que o Campeonato Gaúcho de 1977 não fora conquistado por acaso.

O Grêmio formou com Corbo, Eurico, Vílson (Ancheta estava contundido), Oberdã e Ladinho; Vítor Hugo, Tadeu Ricci e Iúra (Leandro); Tarciso, André e Éder. O Inter: Benítez, Batista, Baliato, Gardel e Dionísio; Caçapava (Vasconcelos), Jair e Falcão; Valdomiro, Luisinho e Edu (Escurinho).

O Grêmio passou os primeiros 20 minutos resistindo à pressão do Inter. Nesse período, Oberdã se destacou. Vílson marcava Luisinho e ele ficava na sombra, tirando tudo.

Passada essa fase de sufoco — já prevista por todos, pois o desesperado Inter ansiava encerrar o ano com uma vitória —, começou a prevalecer o sentido de conjunto do Grêmio, aprimorado ao extremo pelo técnico Telê Santana naquele ano.

O primeiro gol aconteceu aos 37 minutos, quando o jogo estava equilibrado. Como diriam os cronistas no dia seguinte, a sorte ajudou o melhor: Tarciso cruzou para a área, Beliato rebateu e a bola caiu nos pés de Iúra. O meia-esquerda dominou-a na coxa e bateu por cobertura. A bola ia passar por cima da trave, mas baixou com o vento e enganou Benítez.


JB Scalco

Um título muito justo: o time de Telê deu show o ano inteiro, inclusive na final

O segundo tempo só mostrou o Grêmio. Foi um show, uma das melhores atuações da equipe no ano. O maestro do espetáculo era Tadeu Ricci. Com sua inteligência privilegiada, ele segurava o time em seu próprio campo — raciocinando que o Inter se abriria na busca da vitória — e comandava o time nos contragolpes. Além de mortais, bonitos: eram tabelas rápidas, com André, Iúra e Éder. Aos 17, Tadeu esticou um passe a André, que invadiu a área e sofreu pênalti do goleiro Benítez. Tadeu cobrou no canto direito, rasteiro.

Éder, que não fizera um bom primeiro tempo, inspirou-se e passou a vencer o duelo com Batista. Aos 26, driblou o improvisado lateral e lançou Iúra, que caía pela esquerda. Iúra se projetou na área em alta velocidade e, quase da linha de fundo, chutou cruzado: 3 x 0.

A defesa do Inter vazava por todos os lados. Um dos causadores era o centroavante André, que recuava, saía para os lados e avançava com a bola dominada, tabelando com os companheiros. Em uma dessas jogadas, Éder foi lançado pela esquerda, passou por Valdomiro e cruzou para a pequena área. Tarciso entrou na corrida e cabeceou para o canto esquerdo. Aos 40 minutos do segundo tempo, o Grêmio chegava aos 4 x 0. Era mais uma da série de goleadas com que tem humilhado seu eterno rival. ▶

AS PARTIDAS INESQUECÍVEIS



Silvio Ferreira

1981: o Grêmio só precisa do empate, mas prensa o São Paulo no Morumbi e vence

Eram 5 000 gremistas no meio de 90 000 são-paulinos no Estádio do Morumbi, em São Paulo, em 3 de maio de 1981. Para fazer festa, à minoria bastava que o jogo terminasse empatado. No primeiro jogo da decisão do Campeonato Brasileiro, quatro dias antes, em Porto Alegre, o Grêmio vencera o São Paulo por 2 x 1. Mas não foi preciso esperar o fim: aos 20 minutos do segundo tempo, o tricolor gaúcho marcou o único gol da partida.

Um golaço. Paulo Roberto levantou a bola na área, Renato Sá escorou de cabeça para a meia-lua e Baltazar, que vinha na corrida, matou no peito e emendou sem deixar cair. A bola entrou no ângulo esquerdo, Waldir Peres nem foi nela.

A partir daquilo, tanto o *Artilheiro de Deus* quanto a pequena torcida gremista pareciam levitar de satisfação, enquanto os são-paulinos procuravam os portões de saída, sem acreditar no que viam. Afinal, o São Paulo era a então chamada Seleção do Morumbi, com seu enorme grupo de craques. Enquanto isso, o Grêmio reunia seis jogadores com idade entre 20 e 22 anos, sem projeção nacional: Paulo Roberto, Newmar, Casemiro, China, Baltazar e Odair.

Na verdade, fora assim desde o início do jogo. A equipe de Waldir Peres, Oscar, Darío Pereyra, Marinho Chagas, Renato, Serginho e Zé Sérgio não apenas fracassava na luta contra a severa marcação gaúcha como também se expunha aos perigosíssimos contra-ataques puxados por Tarciso. Apenas uma vez, no primeiro tempo, a defesa do Grêmio permitiu que o time da casa chegasse com perigo, quando Éverton entrou livre e chutou forte no canto de Leão. Nas outras vezes, De León fazia coberturas perfeitas e tranqüilizava os companheiros — era o mesmo caudilho que conduzira o Uruguai à conquista do Mundialito, quatro meses antes. No meio-campo, Paulo Isidoro e Vílson Tadei davam o ritmo que interessava ao Grêmio e, no ataque, Tarciso prendia a bola na base da malandragem.

Nos últimos minutos, o desespero do São Paulo se traduziu na cena histórica: Serginho, após ser expulso por cometer falta em Leão, aproximou-se do goleiro caído e chutou-lhe a cabeça. Uma violência acima de tudo inútil: nas arquibancadas, 5 000 gremistas saboreavam o indescritível prazer de ser campeão na casa alheia.

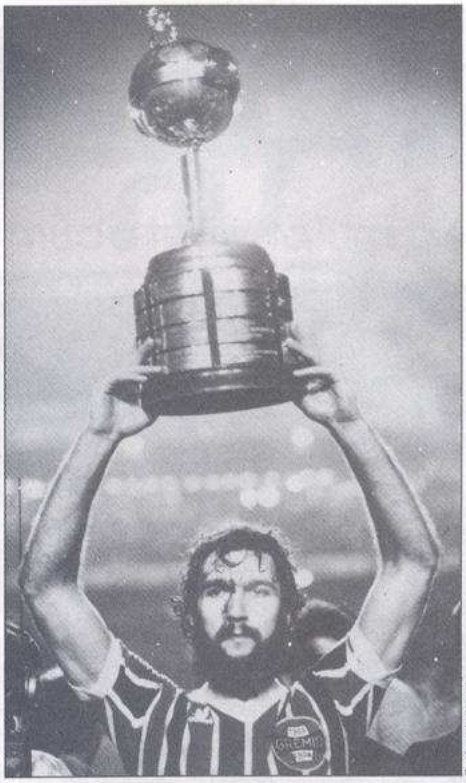
Imponente, o capitão Hugo de León ergueu a Taça Libertadores da América diante da tribuna social. Sangrava na testa. A seu lado, também com o rosto tingido de vermelho, Tita ajudava a levantar o troféu. A torcida delirava. Era a noite de 28 de julho de 1983, data da até então maior conquista do clube em seus oitenta anos de existência — a do título de campeão da América.

Foi uma vitória de 2 x 1 sobre o Peñarol, de Montevidéu, campeão do ano anterior. Uma semana antes, o Grêmio já realizara uma façanha: empatara com o adversário uruguaio dentro do Estádio Centenário, em Montevidéu, por 1 x 1, gols de Tita e Morena. Com isso, bastaria vencer a segunda partida, no Olímpico — coisa que cada uma das 75 000 pessoas presentes tinha certeza de que iria acontecer.

Apenas se sabia que não seria fácil e o Peñarol apelaria para a violência. Isso se confirmou já aos 4 minutos, quando o zagueiro-central Oliveira acertou uma cotovelada no rosto de Renato. Mas, aos 10, o Grêmio, que só se preocupava em jogar futebol, fez seu primeiro gol. Casemiro passou a Osvaldo, que se infiltrou rapidamente pela esquerda e cruzou rasteiro para a pequena área. Caio entrou livre pelo outro lado e só encostou para o gol vazio. Era a lógica: jogadores ágeis e velozes, dispostos a atacar, furavam uma defesa formada por becões pesados.

Mas, como é comum nas grandes decisões, o Grêmio recuou para segurar o resultado. O Peñarol aproveitou o espaço e fechou o primeiro tempo desperdiçando duas chances de gol: aos 37 minutos Saralegui chutou por cima e, aos 40, Casemiro salvou um gol nos pés de Oliveira.

Os uruguaios continuaram pressionando até os 25 do segundo tempo, quando Ramos bateu falta da ponta-direita e Morena cabeceou para as redes. Para eles, servia. Para o Grêmio, no entanto, não era negócio decidir o título num terceiro jogo no Paraguai. Assim, empurrado pela torcida, o time se atirou à frente com todas as forças.



Pedro Martinelli

1983: o herói De Leon e a Libertadores

Passou a explorar mais as jogadas com Renato, pela direita. Aos 32, cercado na linha de fundo, o ponta encontra espaço para levantar a bola sobre os beques, no segundo pau. Por lá, entra um centroavante que, 14 minutos antes, substituíra Caio e mal havia tocado na bola: César. É um predestinado. Mergulha e cabeceia violentamente, com tanta força que o goleiro Fernández toca na bola mas não consegue detê-la. É o gol da vitória. A desordenada pressão do Peñarol não assusta. A torcida já canta o título. Os uruguaios, desesperados, partem para a provocação: aos 42 minutos, Ramos agride Renato, recebe o troco e os dois são expulsos. Mas tudo é festa.

No vestiário, após a celebração do gramado, a torcida faz festa junto com dirigentes e jogadores. Ali, todo mundo é igual. Renato derrama água sobre o presidente Fábio Koff e lhe enfia o balde na cabeça. Fábio pula de alegria e abraça Renato. ●



Adolfo Gerchmann

Na final contra o Peñarol, no Olímpico, a superação de uma equipe de guerra

Nico Esteves



2 de setembro de 1989: o tricolor derrota o Sport por 2 x 1, no Olímpico lotado, e mostra a Copa do Brasil à torcida

A ÚLTIMA CONQUISTA

SE SEGURA, AMÉRICA

O Grêmio muda tudo, fatura o Gauchão e, no embalo, vence a 1.ª Copa do Brasil. O passaporte para outra Libertadores, em 1990, já está na mão

Aos 31 do primeiro tempo da final contra o Sport, no dia 2 de setembro de 1989, o Grêmio tomou um dos seus raros sustos em nove partidas da 1.ª Copa do Brasil. O tricolor vencia por 1 x 0. Cedeu um escanteio pelo lado direito. O lateral-esquerdo Aírton — um maluco que defendera o próprio Grêmio no ano anterior e parte de 1989 — correu para lá e ajeitou a bola. Bateu de pé esquerdo, na pequena área, com muito efeito. O goleiro Mazarópi saiu com precisão, mas o tapa que ele deu na bola não poderia ser mais impreciso. Ela simplesmente foi para trás e entrou no gol. Era o empate.

Aos 7 do segundo tempo, porém, Cuca marcou o segundo gol, fechando o marcador e decretando que o Grêmio conquistava o seu segundo título nacional — o primeiro fora em 1981, o do Campeonato Brasileiro, em cima do São Paulo no Morumbi. Poucas vezes se viu tanta festa no Olímpico. Os 65 000 torcedores se esgoelavam gritando e acionavam buzinas. Nuvens de talco azul quase tapavam as imensas bandeiras tricolores que tremulavam nas arquibancadas. Tudo isso sob o barulho ensurdecedor das centenas de foguetes, enfileiradas no lado de fora do estádio desde antes da decisão.

Em pouco mais de dois meses, o Grêmio conquistava o seu segundo título consecutivo. O primeiro, de pentacampeão gaúcho, resultara de uma das



Sérgio Sade

O centroavante Nando, comprado do próprio Sport meses antes, contribuiu com seu suor em todos os lances de ataque

A ÚLTIMA CONQUISTA



Sérgio Sade

Alfinete: lateral-direito com espírito e talento de atacante, participou de mais da metade dos gols na 1.ª Copa do Brasil

mais sensacionais reações da história do clube. Em abril, a equipe estava ameaçada de cair nada menos do que para a Segunda Divisão estadual. Em tempo recorde, trocou direção, técnico e vários jogadores, foi à luta e, em junho, botava a faixa no peito. Os heróis: Jandir, o xerife Edinho, Lino — três dos jogadores contratados às pressas —, Paulo Egídio e o garotinho Assis, que enfim ganhara a chance de mostrar que era craque.

Foi no embalo dessa conquista que o time entrou na Copa do Brasil, uma competição eliminatória cuja premiação não era nada desprezível: uma vaga na Taça Libertadores da América de 1990. Diante do fracasso do arquiinimigo Internacional nesse torneio sul-americano em 1989, nada era mais estimulante para o Grêmio do que humilhá-lo, poucos meses depois, com o seu próprio ingresso.

Para se ter uma idéia da gana com que disputou a Copa do Brasil, basta dar uma olhada nos números finais. Em nove partidas, venceu sete e empatou duas,



Nico Esteves

Assis: derrubando preconceitos contra a meninice, firmando cartaz de exímio lançador e, na final, o gol de abertura

exibiu o ataque mais eficiente (25 gols) e a defesa menos vazada (quatro). O primeiro adversário foi o Ibiraçu, do Espírito Santo. O Grêmio ganhou lá, por 1 x 0, e, na partida de volta, enfiou sonoros 6 x 0. A vítima seguinte foi o Mixto, do Mato Grosso. O Grêmio entrou rachando, na casa do adversário, com assustadores 5 x 0. Tão assustadores que os mato-grossenses desistiram de vir a Porto Alegre (perderam por WO), alegando falta de passagens aéreas.

O obstáculo seguinte foi o Bahia, o flamante campeão brasileiro, que conquistara esse título dentro do Beira-Rio. No campo embarrado e irregular da Fonte Nova, era quase impossível praticar futebol. Mas, se houve um time que mostrou jogo, esse foi o Grêmio, com o seu impecável sistema defensivo, sua tranqüilidade e seus espertos contragolpes. Foi 2 x 0, o que praticamente definia a questão. Mesmo assim, o tricolor se empenhou, na segunda partida, no Olímpico, e fez 1 x 0 nos baianos.

O funil apertava. Na semifinal, o adversário era o Flamengo, sendo a pri-

A ÚLTIMA CONQUISTA



Fotos Sérgio Sade

Bicicleta de Lino assusta Rafael: o Grêmio mostrou audácia e produziu belos lances contra um Sport que foi só retranca

meira no Maracanã. Os cariocas começaram arrasando. Fizeram 2 x 0 e, a partir daí, jogavam só na boa, pegando a defesa do Grêmio aberta. Numa dessas, Zico acertou a trave. Mas, aos poucos, o time foi se encontrando, descontou no primeiro tempo (Paulo Egídio), empatou no segundo (Luís Eduardo) e ainda perdeu outros gols. Só que não precisaria se lamentar, pois três dias depois, no Olímpico, meteu a maior goleada que já conseguira sobre o Flamengo: 6 x 1. Uma exibição impecável, em que tudo deu certo.

E chegamos à final com o Sport. O primeiro encontro, no Recife, foi sofrível. Nenhum dos dois times esteve bem. Na finalíssima, no Olímpico lotado, todos confiavam na vitória — time e torcedores. O Grêmio largou rasgando, prensando o Sport em sua própria área. Aos 4, Paulo Egídio estufou a rede, mas o juiz anulou. Aos 9, a pressão já era irresistível quando o centroavante Nando se deslocou para a ponta-direita e cruzou na área. Lino entrou pela meia-direita, levou na coxa, mas foi de-



Paulo Egídio dribla e arranca para mais um ataque: o ponta-esquerda tricolor não deu sossego à violenta defesa do Sport

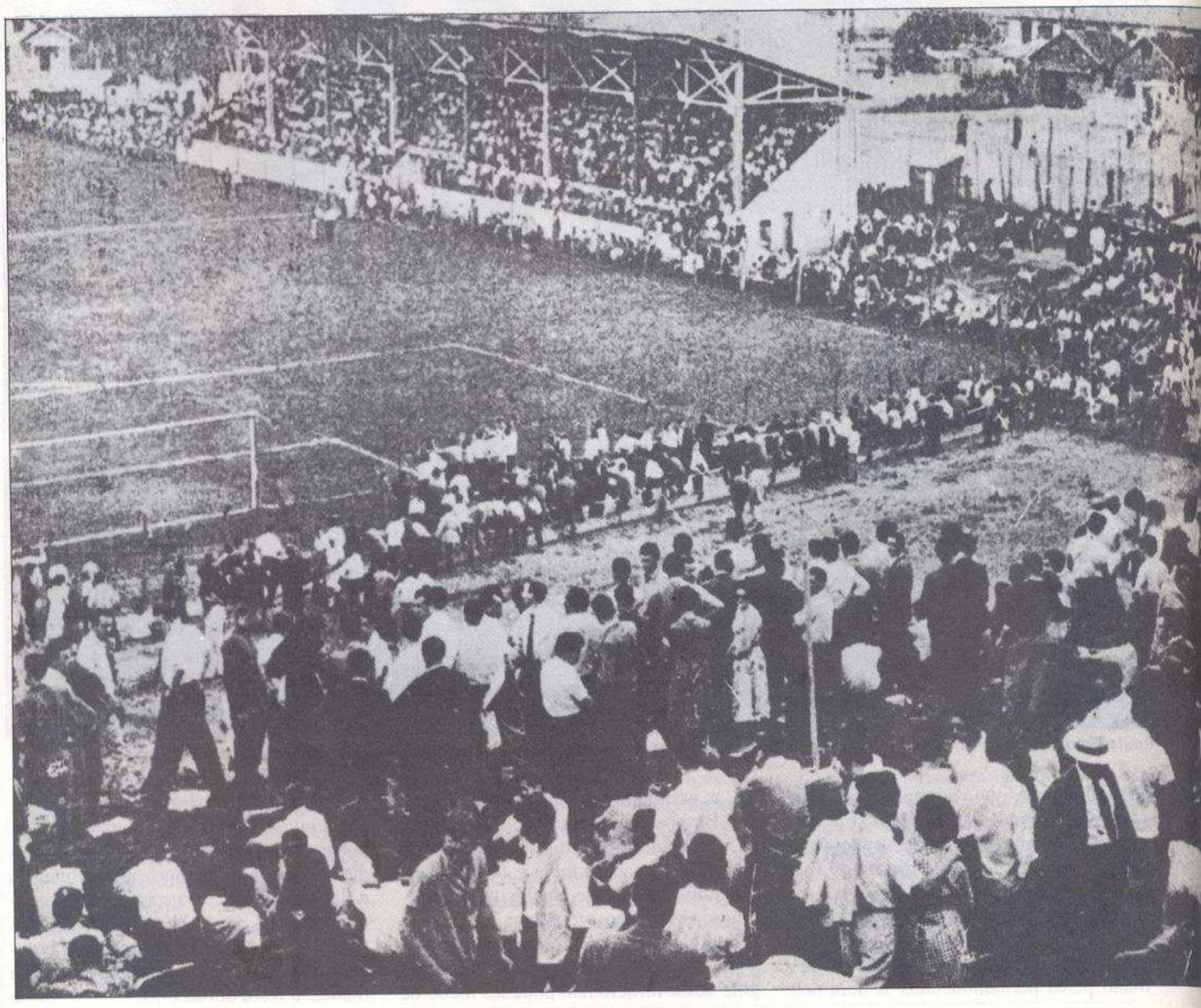
sarmado por Aílton. Só que a bola caiu na meia-lua, onde estava Assis. Ele deu uma ajeitadinha para o pé esquerdo e soltou a bomba, no canto direito de Rafael. O Olímpico explode.

O Grêmio reduziu um pouco a pressão, esperando que o Sport saísse. Mas que nada. O único lance de perigo armado pelos pernambucanos só saiu aos 22, e assim mesmo em contra-ataque, que Barbosa concluiu mal. Aí acontece o inesperado: Mazarópi, grande herói de tantas jornadas, falha e toma o gol. A equipe toda sente, inclusive os veteranos. Mas, no vestiário, o técnico Cláudio Duarte injeta ânimo em todos. "Um time que marcou mais de vinte gols nesse torneio não pode ter medo de fazer só mais unzinho", gritou Lino. Cuca ouviu tudo quieto, e uma força interior lhe sinalizou que era tudo com ele. Na volta ao campo, até se recusou a dar entrevista, para não perder a concentração. E não deu outra. Aos 7, Alfinete cruza na área e ele manda a bomba no alto do canto direito. Dali em diante, a festa durou dias. ●

A HISTÓRIA DO CLUBE

DA BAIXADA À GLÓRIA

Dos seus fundadores, o Grêmio guarda a organização e a seriedade germânicas. Some-se a isso uma imensa e exigente torcida e tem-se um campeão do mundo





O Grêmio nasceu em 1903 no centro de Porto Alegre *(acima)*, jogou na Baixada *(à esq.)* por cinqüenta anos e chegou à glória em 1983 com o título mundial, quando até o Laçador virou tricolor



Fotos Abril

Com 75 000 habitantes, Porto Alegre era, em 1903, uma cidade em acelerado progresso. Pelas ruas do centro, os postes de luz elétrica começavam a substituir os lampiões e entravam em extinção os bondes puxados a burro. Engenheiros estudavam as obras do porto do Guaíba. Os alemães, cuja imigração começara em 1824, instalavam cada vez mais indústrias. E o movimento fazia os comerciantes sorrirem. Assim, quando o *Correio do Povo* noticiou que no dia 7 de setembro daquele ano o Esporte Clube Rio Grande faria uma exibição do chamado *foot-ball* no Parque da Várzea, muita gente se agitou. Era mais uma novidade na cidade. Além de tudo, o Rio Grande carregava o charme de primeiro clube de *foot-ball* fundado no Brasil — em 19 de julho de 1900, por influência de marinheiros ingleses.

Mais que quaisquer outros, agitaram-▶

A HISTÓRIA DO CLUBE



Ronaldo Kotscho

Em 1981, com cinco jogadores novos na defesa e no meio-campo, o Grêmio conquistou o título brasileiro em pleno Morumbi

se os componentes da turma de Cândido Dias da Silva, um paulista de Sorocaba que instalara na cidade um negócio de curtição de couro. Certo dia, Cândido recebera de São Paulo uma bola de futebol, com a qual ele e seus amigos lojistas da Praça XV passaram a dar chutes durante alegres piqueniques dominicais no bairro da Glória. As regras do jogo, Cândido recebeu-as apenas poucas semanas antes da exibição do Rio Grande. E essa apresentação era mesmo o que faltava para os rapazes se decidirem a fundar um clube.

Foi assim que, oito dias depois, em 15 de setembro de 1903, na loja onde hoje funciona o Restaurante Dona Maria, na Rua José Montaury, nasceu o Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense. O primeiro presidente foi Carlos Bohrer. Cândido Dias, um dos que assinaram a ata, dono da única bola da cidade, contentou-se com o cargo de guarda-esportes.

Entre a fundação e o primeiro jogo, dia 16 de março de 1904, surgiram alguns contratempos. O Grêmio nascera com as cores havana, branca e preta, mas de repente os tecidos havana desapareceram das casas de comércio. A diretoria decidiu, então, substituí-la pelo azul — contra o voto de Cândido Dias, que preferia o vermelho, para formar as cores de seu Estado.

O adversário do primeiro jogo, no Parque da Várzea, foi o Fussball Club Porto-Alegre, fundado na mesma data e que disputava com o Grêmio as preferências da colônia alemã. Aqui, um detalhe curioso: os jornais da época, que passaram a semana inteira anunciando a partida, não publicaram seu resultado.

O grande público que compareceu à Várzea convenceu os gremistas de que já era hora de construir um estádio. Um dos fundadores, Augusto Koch, sugeriu como local a Schuetzverein Platz, como era conhecida a Baixada dos Moinhos de Vento, então um bairro tipicamente germânico. O próprio Koch conseguiu o empréstimo para a compra do terreno — 10 contos de réis. Em agosto de



PROGRAMMA

Domingo, 10 de Julho 1909.

MATCH EXTERNO

entre o

Sport-Club Internacional

&

Gremio Foot-Ball Porto-Alegrense

O programa do primeiro Gre-Nal: 10 x 0 para o Grêmio, a maior goleada da história dos clássicos

1904, inaugurou-se a Baixada, na qual o Grêmio ficaria por exatos cinqüenta anos e onde, dia 18 de julho de 1909, enfrentou pela primeira vez o recém-criado Internacional, naquele que se tornaria um dos maiores clássicos do futebol brasileiro, além de o mais antigo. O mais velho aplicou uma surra de 10 x 0 no caçula. Mas o Grêmio formaria sua primeira grande aquipe apenas dois anos depois.

O campeonato da cidade começou a ser disputado em 1910, com a fundação da Liga Porto-Alegrense e a participação de Grêmio, Porto Alegre, Militar, Internacional, Nacional, Fussball Manschaft Frisch Auf (outro clube de alemães) e o 7 de Setembro. O campeão foi o Militar, que no entanto desapareceria no ano seguinte. A maioria de seus jogadores se transferiu para o Rio de Janeiro, onde defenderia o então poderoso São Cristóvão. Em 1911, chegaram à cidade os alemães Schuback e Mohrdieck, que jogavam em Hamburgo, e o carioca Edwin Cox, um emérito driblador que havia atuado pelo Fluminense. O Grêmio os atraiu e, com eles, considerados os primeiros craques da cidade, vieram as multidões e a conquista de títulos: 1911, 12, 14 e 15.

Dia 17 de setembro de 1916, na festa de aniversário, aconteceria a mais re-



Abril

Everaldo: glória eterna do tricolor, único jogador gaúcho tricampeão do mundo

A HISTÓRIA DO CLUBE



Abril

Em 1983, o Grêmio disputa sua segunda Libertadores da América e se torna campeão

tumbante vitória dos treze anos de existência do clube: 2 x 1, de virada, sobre a poderosa Seleção Uruguaia, com gols do ponta-esquerda Assumpção. O Grêmio, então, já era tão organizado que o centromédio uruguaio Bertola resolveu voltar no ano seguinte para defendê-lo — e trouxe junto Behregaray, também da Celeste, Garibotti e Rodríguez. Ao voltar para Montevidéu, no ano seguinte, os quatro deixaram um saldo fantástico, motivo para manifestações antiestrangeiras nos outros clubes: com eles, o Grêmio venceu dezesseis e empatou duas das dezoito partidas que disputou, marcando 117 gols e sofrendo apenas treze.

Em 1919, com uma equipe renovada, o maior e mais bem organizado clube da capital iniciaria uma fase de hegemonia absoluta: a do pentacampeonato metropolitano. Fundava-se, também naquele ano, a Federeção Rio-Grandense de Desportos, por iniciativa do próprio Grêmio. Com isso, abriam-se perspectivas para conquistas estaduais.

O desenvolvimento do esporte na região, sempre com o Grêmio à frente, era conseqüência direta dos novos tempos. Cresciam os negócios da pecuária e os grandes fazendeiros mostravam seu status na capital, erguendo palacetes na Avenida Independência. Em obras desde 1913, o porto do Guaíba já recebia no final da década navios de médio porte, e a população dera um salto considerável: os 75 000 habitantes de princípios do século eram agora 208 000.

Surge, então, vindo de Uruguaiana, cidade da fronteira com a argentina, o primeiro grande mito do Grêmio: o goleiro Eurico Lara, com o qual o clube conquista, em 1920, o bicampeonato da cidade. Os adversários e a própria torcida tricolor se espantavam com aquele grandalhão de camisa azul e casquete vermelho, suficientemente forte para mandar a bola no meio do campo com um munhecaço e ágil para ir pegar chu-

ESTATUTO

O Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense é uma sociedade civil sem fins lucrativos, cujos principais objetivos, dizem seus estatutos, são o desenvolvimento e o estímulo à educação física em todas as suas modalidades.

O clube tem dez categorias de sócios, de Grande Benemérito a Atleta, e seu poder é controlado por cinco órgãos: a Assembléia-Geral, o Conselho Deliberativo, a Diretoria, o Conselho Consultivo e o Conselho Fiscal. A Assembléia-Geral reúne-se a cada três anos, sempre em setembro, quando elege parte do Conselho Deliberativo — cujos 300 membros têm mandato de seis anos. O CD, por sua vez, é quem elege a Diretoria e o Conselho Fiscal, com mandato de dois anos.



Jurandir Silveira

No mesmo ano, vai ao Japão, mata o Hamburgo e volta com o maior caneco do mundo

tes indefensáveis nos cantos. Lara fez nome nacional no gol da Seleção Gaúcha, mas recusou várias propostas de clubes do Rio e de São Paulo. Amava o Grêmio, pelo qual jogou de graça até morrer, dois meses depois de disputar a última partida, em 1935.

O Grêmio conquistou seus primeiros títulos estaduais em 1921 e 1922, e, quando se preparava para ganhar o terceiro — com o engajamento de Luís Carvalho, promissor estudante do Colégio Militar, 16 anos, refugado pelo Internacional —, estoura uma revolução. Acusando fraude na eleição para governador, vencida pela quinta vez consecutiva pelo caudilhesco Borges de Medeiros, do Partido Republicano, o candidato derrotado da Aliança Liberal, Assis Brasil, sai com suas tropas para o interior, tomando cidades a tiro de canhão. Batalhas sangrentas se travaram pelos pampas. Não se faziam prisioneiros, eles eram degolados — e evidentemente não havia clima para futebol fora da capital. E mesmo ali, quando se jogava um Gre-Nal, imprensa e torcida usavam palavras de guerra para definir os lances do grande clássico. A paz só foi assinada em novembro de 1923, por mediação do Ministério da Guerra, mas por precaução o Campeonato Estadual do ano seguinte também foi suspenso, já que revolucionários renitentes ainda faziam ecoar seus canhões pelas coxilhas.

TÍTULOS

O Grêmio foi campeão gaúcho 27 vezes, desde que o campeonato passou a existir oficialmente, em 1919. Antes disso, porém, já ganhara torneios metropolitanos em 1904, 05, 06, 07, 09, 11 e 15. Posteriormente, venceu em 1921, 22, 26, 31, 32, 46, 49, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 77, 79, 80, 85, 86, 87, 88 e 89.

Além disso, o Grêmio foi tricampeão da Taça Wanderpreis, de 1904 a 1906, campeão do Centenário Farroupilha em 1935, campeão da Taça de Ouro em 1981, da Libertadores da América, do Mundial de clubes em 1983 e da primeira Copa do Brasil em 1989.

Com Eurico Lara defendendo tudo e Luís Carvalho articulando o ataque, além de marcar seus lindos gols de sem-pulo e virada, o Grêmio conquistou os títulos de campeão da cidade em 1925 e 1926 e do Estado neste último ano. Dirigentes do Internacional, então, procuraram Luís Carvalho pedindo-lhe que voltasse. Relembrando aquela tarde de 1923, quando jogava no terceiro time e fora expulso do Inter (''Vá embora daqui, moleque, você machuca a bola'', dissera-lhe um diretor), Luís olhou os visitantes nos olhos e encerrou: ''Agora é tarde''.

Embora não conquistasse títulos de 1927 a 1929, o Grêmio manteve a tradição de equipe forte e até reforçou-a com Foguinho, meia-esquerda do São José. Gremista de coração, Foguinho era sinônimo de raça e nos anos 30 for-▶

A HISTÓRIA DO CLUBE



Nico Esteves

Em 1985, com Valdo dando o ritmo, o time inicia a caminhada rumo ao pentacampeonato

maria, com Lara e Luís Carvalho, o trio de maiores ídolos tricolores. Nos anos 50, já como técnico do time, revolucionaria o futebol gaúcho.

O Grêmio se preparava para conquistar seu primeiro título na nova década quando estourou a Revolução de 1930. A equipe foi declarada campeã, embora ainda lhe faltassem três jogos. Tenente do Exército que era, Eurico Lara vestiu a farda para se unir às forças rebeldes do governador Getúlio Vargas. Quando Getúlio foi empossado na Presidência, em novembro, Lara voltou aos campos mais herói do que já era.

Ele e seus companheiros seriam tetracampeões da cidade de 1930 a 1933 e bicampeões estaduais em 1932 e 1933. Nessa época, o Grêmio tinha um time quase só de craques: Lara, Dario e Sardinha I; Heitor, Poroto e Sardinha II; Lacy, Artigas, Luís Carvalho, Foguinho e Nenê. Foi uma de suas melhores equipes em todos os tempos, mas o título que ficaria "por cem anos" na memória dos gremistas seria conquistado em 1935, quando o genial Luís Carvalho já se havia transferido para o Vasco. Naquele ano, comemorava-se o centenário da Revolução Farroupilha — que tentara tornar realidade o sonho de uma república independente no Sul — e o certame se chamava, por isso mesmo, Campeonato Farroupilha. Na final, o adversário era o arquiinimigo Internacional, a quem, além de tudo, bastava o empate para chegar ao título.

Lara, doente, só agüentou o primeiro tempo, sendo substituído por Chico. O Inter segurava o 0 x 0 como podia. O Grêmio em cima. Quarenta minutos do segundo tempo e nada. De repente, Foguinho trama com Lacy e solta a bomba. Gol. Foguinho é o herói. Mas o jogo recomeça e Lacy faz o segundo. Lara vai comemorar pulando e gritando com a torcida. Sardinha I, o capitão, reúne os companheiros e a diretoria. Todos,



Adolfo Gerchmann

Em 1988, ano do tetra, o futebol era tão bonito que a torcida gritava: "Grêmio-show!"

então, combinam que aquela conquista será comemorada pelo clube com o *jantar farroupilha* "durante cem anos". A promessa tem sido cumprida religiosamente.

Em 1937, já no profissionalismo, o Grêmio inicia nova série de títulos e conquista o tricampeonato da cidade. Não contava com mais da metade dos heróis de 1935, mas em compensação Foguinho estava no auge e um novo centromédio construía fama de craque excepcional — Noronha, que mais tarde brilharia também no São Paulo. A Baixada, com capacidade para 10 000 pessoas, começava a ficar pequena e surgiam os primeiros planos de construção de um novo estádio.

Em termos de títulos, os quinze anos seguintes não foram favoráveis. Só em 1946 o Grêmio conseguiu quebrar a série do Internacional, repetindo a conquista em 1949. Nesse ano, aliás, a equipe venceu todas as competições oficiais que disputou. Mais: foi a Montevidéu e enfiou 3 x 1 no Nacional, base da Seleção Uruguaia, que seria campeã do mundo no ano seguinte, e, numa excursão à América Central para enfrentar seleções, venceu oito jogos e empatou um. A equipe-base: Sérgio, Clarel e Joni; Hugo, Ário e Alegretti; Paulista, Hermes, Geada, Álvaro e Guita.

A luta para a construção do novo estádio continuava. Apesar de a troca com a Prefeitura do terreno da Baixada por um na Azenha estar no papel desde 1941, só dez anos depois o Grêmio recebeu consentimento para ligar as máquinas de terraplenagem. As obras de concreto começaram em abril de 1953 e não foi possível inaugurá-lo no ano do cinqüentenário do clube. Mas, no dia 19 de setembro de 1954, o Olímpico, com capacidade para 38 000 pessoas, abriu finalmente seus portões. Foi uma festa capaz de fazer os gremistas chora- ▶

A HISTÓRIA DO CLUBE



Lemyr Martins

Em 1989, o time sai da beira do precipício e arranca para um título empolgante

rem — pelas evocações e pela vitória sobre o Nacional, de Montevidéu, 2 x 0, dois gols de Vítor. A equipe: Sérgio, Roberto, Ênio Rodrigues e Orli; Sarará e Itamar; Tesourinha, Mílton, Camacho (Vítor), Zunino e Torres.

O estádio era novo, mas a mentalidade do departamento de futebol era velha. Até que, em 1955, como Getúlio Vargas fizera na política nacional em 1930, o ex-atleta Foguinho, já então transformado no técnico Osvaldo Rolla, fez ruir os conceitos que dominavam o futebol nos últimos quinze anos — não apenas em seu clube mas em todo o Estado. Foguinho estivera com o Cruzeiro, da capital, em excursão pela Europa em 1953, e voltara apaixonado pelo futebol-força dos alemães. Ao assumir o Grêmio, impôs a nova escola: ou o jogador se submetia a sua dura preparação física ou caía fora.

Não precisava ser craque, bastava jogar objetivamente; o time inteiro devia atacar e defender em bloco.

Os frutos começaram a surgir em 1956. A partir desse ano, e até 1960, o Grêmio conquistou todos os campeonatos gaúchos, literalmente passando por cima do clássico mas lento time do Internacional. A equipe de Foguinho chegou ao auge em 1959, com esta formação: Henrique, Orlando, Aírton, Calvet e Ortunho; Élton e Mílton; Giovani, Gessi, Juarez e Vieira. Tinha apenas quatro craques — Aírton, Calvet, Ortunho e Gessi —, mas funcionava como uma máquina.

O levante político de 1961 — a Campanha da Legalidade, liderada pelo governador Leonel Brizola para garantir a posse do vice-presidente João Goulart, após a renúncia de Jânio Quadros — coincidiu com a quebra da série de títulos do tricolor. No ano seguinte, porém, ele iniciaria outra ainda mais brilhante. Heptacampeão gaúcho de 1962 a 1968, o maior título de sua história



Sérgio Sade

Na seqüência, continua arrebentando e conquista invicto a primeira Copa do Brasil

até então, foi a conquista de uma equipe tão veloz e resistente como a dos anos 50, porém mais técnica.

"Queremos um pouco da seriedade germânica do Grêmio", diziam os dirigentes do Internacional ao inaugurarem o Beira-Rio, em 1969. E, de fato, essa mentalidade influiu no longo jejum de títulos imposto ao tricolor, e que durou até 1976. Isso, porém, não significou que o clube tivesse sonegado craques a sua torcida (Cejas, Ancheta, Ortiz, Zequinha e muitos outros vestiram a camisa azul, preta e branca).

Em 1976, o Grêmio iniciou as obras de conclusão do Olímpico, convencido de que os grandes títulos têm relação com grandes palcos. E em 1980, com a capacidade do estádio aumentada para 75 000 pessoas, dirigentes e torcedores tinham certeza de que conquistas muito importantes iriam acontecer em breve. Tinham razão.

Em 1981 veio o Campeonato Brasileiro. Em 1982, um vice. E, em 1983, junto com a comemoração dos oitenta anos, aconteceram as conquistas da Taça Libertadores da América e do Campeonato Mundial Interclubes. Nada podia ser maior.

Quando os jogadores chegaram de Tóquio, desfilaram pela cidade sobre um caminhão do Corpo de Bombeiros, sendo ovacionados pelo povo nas ruas. Até parecia que tudo já estava previsto quando, em 1903, Cândido Dias — o dono da única bola de futebol da cidade — resolveu fundar aquele clube de futebol.

Sim, nada pode ser maior. Mas, depois do pentacampeonato gaúcho, de 1985 a 1989, o Grêmio conquistou a primeira Copa do Brasil; com ela, o direito de disputar de novo a Copa Libertadores, único caminho que leva ao Mundial Interclubes. O clube quer voltar a ser tão grande quanto o foi em 1983. ●

OS GRANDES ÍDOLOS

OBRIGADO, MESTRES!

Ao lembrar de Renato, Valdo, Lara, Luís Carvalho, Aírton, Juarez e todos aqueles jogadores especiais que lhe deram tanta alegria, a torcida tem mesmo que agradecer

RENATO

Às vezes, havia ocasiões que ele era vaiado por sua própria torcida — e então reagia com gestos indecorosos. Noutras, o estádio inteiro urrava enlouquecido por suas jogadas infernais, os gremistas o carregavam nos braços e ele, emocionado, chorava. Capaz de chutar os gandulas e de brigar com jornalistas, considerava-se um gatão irresistível — mas desmaiava nos braços da mãe. Era o moleque expulso aos 27 minutos da decisão do Campeonato Gaúcho de 1982, contra o Inter, colaborando assim para a perda do título. Mas, acima de tudo isso, ficou como o herói que marcou os gols da vitória de 2 x 1 sobre o Hamburgo, no Japão, em dezembro de 1983, que resultaram na conquista do título mundial de clubes, o mais importante da história do clube.

As relações de Renato Portaluppi com a torcida do Grêmio nunca foram de um ídolo comum. Há quem ache que isso se devia à ascendência italiana desse ponta-direita com físico de zagueiro (1,82 m e 85 kg). Nascido em Guaporé e criado em Bento Gonçalves, Renato sempre foi temperamental. Nas peladas de rua, brigava por nada. Foi despedido da padaria em que trabalhava porque chutava até massa de pão. Em jogos dos juvenis do Grêmio, para onde foi porque o Inter de seu coração não o quis, driblava a defesa inteira, voltava com a bola em direção ao meio do campo e se recusava a admitir que estava errado.



Renato: inesquecível enquanto as palavras "campeão do mundo" enfeitarem a marquise

Renato estreou entre os profissionais em 1981, mas só explodiu — futebol e nervos — dois anos após, quando efetivado titular. Em 1984, chegou à Seleção Brasileira pela primeira vez. Foi um dos heróis das eliminatórias, no ano seguinte. Mas, intolerante com o jeitão de Renato, o técnico Telê Santana não o levou à Copa do Mundo de 1986. Pagou caro por isso. Faltou a nossa equipe um atacante com o estilo rompedor e de dribles imprevisíveis, como o dele.

Como bom descendente de italianos, dizia-se, Renato Portaluppi tinha três obsessões na vida — *la mamma, le macchine i le moglie*, a mãe, os carros esportivos e as mulheres. Não mudou nada quando se transferiu para o Flamengo em 1987 — clube para o qual voltou em 1989, após um ano de insucessos na Roma. Os gremistas sempre o amaram assim. E, enquanto as palavras *Grêmio campeão do mundo* estiverem em cima da marquise do Estádio Olímpico, eles não o esquecerão.



Fotos Jurandir Silveira

Dribles desconcertantes e dois gols no Hamburgo lançaram Renato para o mundo

LARA

Quando Eurico Lara morreu, aos 37 anos, em 1935, virou lenda: tornou-se o goleiro que teria perdido a vida ao encaixar no peito um forte chute desferido pelo próprio irmão.

Essa história percorreu os confins do Rio Grande por muitos anos. Na verdade, depois de defender o Grêmio por quinze anos, ele faleceu de problemas cardíacos dois meses após ter jogado sua última partida, um Gre-Nal em setembro de 1935, quando já estava doente.

Lara foi o maior goleiro da história do clube. Alto, magro, era imbatível nas bolas por cima, mas o mais espantoso era a agilidade, até incompatível com seu físico. Das muitas partidas memoráveis que participou, a maior talvez tenha sido em 1922, em São Paulo, num jogo entre as seleções Paulista e Gaúcha: perdeu de 4 x 2, mas, segundo cronistas da época, defendeu mais de dez chutes ''indefensáveis''.

Era um cavalheiro, um desportista, às vezes até atuava como juiz. Não era o ''goleiro do Grêmio'' — o tricolor é que era o ''clube de Lara''. Quando morreu, a cidade parou para acompanhar seu enterro.



Fotos Abril

Lara: durante quinze anos, construiu uma lenda que podia ser vista ao vivo nos gramados. Não era o goleiro do Grêmio, o Grêmio é que era o time de Lara

JUAREZ

Quando o catarinense Juarez Teixeira estreou no Grêmio, aos 27 anos, a torcida sentiu na hora que estava nascendo ali um novo ídolo. Valente e guerreiro dentro do campo, o negro Juarez era gentil e sorridente fora dele, e em pouco tempo ganhou o apelido de *Leão do Olímpico* — a fera para a qual não havia jogo perdido.

Essa imagem se consolidou em 1958, quando ele desmantelou a defesa do Internacional a peitadas num Gre-Nal, levando seu time à vitória por 2 x 1. No dia seguinte, o torcedor-símbolo do Grêmio, Camelinho, contava aos amigos da Rua da Praia: "O negrão se deslocava para a esquerda e vinha, levantando polvadeira, espalhando retratista..."

Não era um centroavante de grandes requintes. Tinha domínio de bola apenas suficiente para executar suas tarefas. Baixo e atarracado, tornava-se, contudo, invencível no corpo-a-corpo. Jogou até 1961, quando se transferiu para o Newell's Old Boys, da Argentina. Era tão adorado que, quando anunciou que estava construindo uma casa, a torcida passou a presenteá-lo com tijolos e sacos de cimento.





Juarez, a Fera, o Tanque, o Leão do Olímpico: contra Florindo *(acima)*, ou Zangão e Lapaz *(ao lado)*, construindo a justa fama de demolidor do Internacional



Zero Hora

Gessi, o grande estilista: na campanha do penta de 1956 a 60, dribles desmoralizantes e gols que ninguém esquece

GESSI

Segundo alguns torcedores, foi uma insaciável morena que encurtou a carreira do meia-direita Gessi, ídolo do Grêmio de 1955 a 1962. Ele abandonou o futebol aos 26 anos. "Bobagens", declarava Gessi, então um tranqüilo dentista de 53 anos, pouco antes de morrer, em 1989. "Deixei o futebol, de que não gostava muito, porque minha meta era me formar em Odontologia." A verdade: Gessi sofria de asma e jogar era, para ele, um sacrifício.

Se atraía mulheres por ser boa-pinta, Gessi arrastava multidões ao Estádio Olímpico com seu jogo fino num time que se caracterizava pela força. Quando a bola chegava a seus pés, o futebol dava a impressão de ser um esporte fácil de ser jogado. Seu drible preferido era a cortada — seca, desmoralizante — com qualquer pé.

Além disso, tinha o faro do gol. Num Gre-Nal de 1957, marcou três. Em Buenos Aires, em 1958, encantou os argentinos nos 4 x 0 que o Grêmio impôs ao Boca Juniors. Nesse jogo, além de aplicar dribles desconcertantes, marcou todos os gols de sua equipe.

LUÍS CARVALHO

Ainda hoje, quando um atacante faz um gol de virada, surgem comparações com Luís Carvalho, centroavante que deixou o futebol em 1940. "Quem o viu jogar só vai esquecê-lo quando morrer", afirma Foguinho, que jogou a seu lado no Grêmio.

Luís Carvalho levantava a massa com muitos tipos de jogada, mas especialmente numa: dominava a bola de costas para o gol e chutava girando o corpo, sempre fora do alcance do goleiro. Ele começou sua carreira no Grêmio em 1923 e logo virou o maior ídolo da torcida. Em 1929, o Botafogo levou-o para o Rio, mas no ano seguinte a saudade de Porto Alegre o trouxe de volta. Em 1935, foi a vez de o Vasco tirá-lo do Grêmio. Até 1937, sua convocação para a Seleção Carioca era sempre certa.

De volta, em 1938, Luís Carvalho ganhou o apelido de *El Maestro* — uma provocação aos argentinos do Independiente, então o melhor time da América, que ele ajudou a derrotar por 4 x 2 em Porto Alegre. De jogador, Luís Carvalho passou a dirigente, e foi presidente do clube em 1974 e 1975.



Abril

Luís Carvalho, *El Maestro*: nos anos 20 e 30 o maior centroavante do Rio Grande do Sul, um artilheiro constantemente assediado por clubes do Rio de Janeiro



Zero Hora

Joãozinho, o *Pequeno Polegar*: o dínamo da grande equipe heptacampeã nos anos 60 não era apenas energia, mas também um primor de inteligência

JOÃOZINHO

Nos anos 60, o Grêmio formou uma superequipe e bateu o recorde gaúcho de títulos consecutivos — foi heptacampeão, de 1962 a 68. Na defesa, brilhava o zagueiro-central Aírton; no ataque, o centroavante Alcindo. Entre os dois setores, equilibrando tudo, um meio-campo excepcional: Cléo marcava, Sérgio Lopes lançava e Joãozinho fazia um vaivém alucinante. Sem dúvida, Joãozinho era a alma e o coração desse time.

A capacidade pulmonar incomum, que lhe permitia correr da defesa ao ataque sem parar, durante os 90 minutos, não escondia uma técnica vulgar. Pelo contrário, Joãozinho — ou João Severiano, como preferiam alguns locutores — aliava à movimentação um perfeito domínio de bola, um cérebro privilegiado e uma grande visão de gol. Era quem melhor entendia o raçudo centroavante Alcindo, lançando-o na medida e complementando os lances de área.

Joãozinho só teve um clube na vida, o Grêmio. Começou nas divisões inferiores, nos anos 50. No início dos 60, já se percebia que fatalmente ele seria o sucessor do grande Gessi. Recebeu um estágio de luxo: por um ano, esteve emprestado ao Independiente, de Buenos Aires, onde jogou nas categorias amadoras. Pouco tempo depois de seu retorno, em 1962, já era o titular absoluto da camisa 8. No campeonato gaúcho daquele ano, foi um dos heróis do título, ao marcar o gol decisivo (o terceiro) na partida em que o Grêmio ganhou do Inter por 4 a 2.

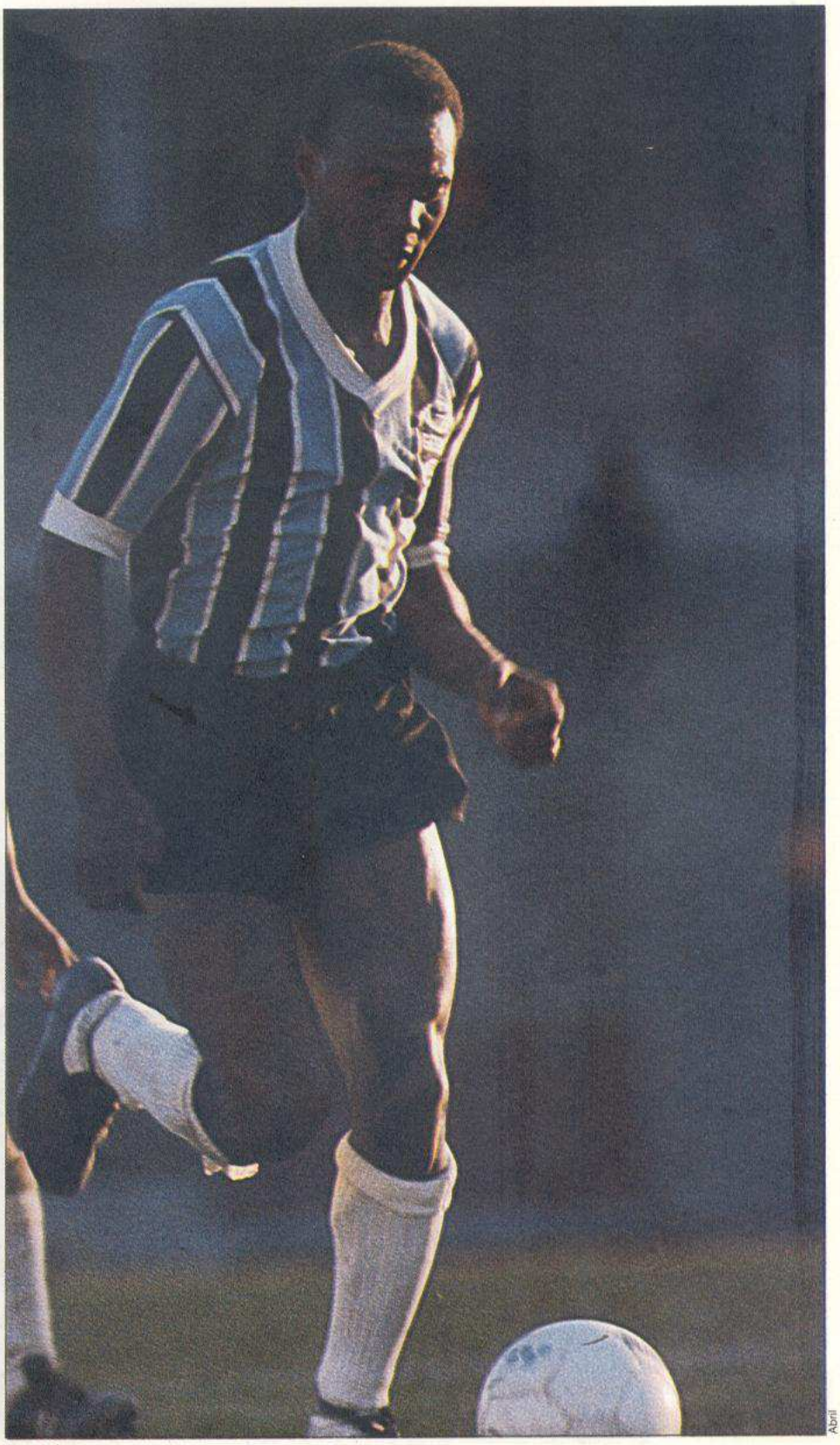
A baixa estatura lhe valeu um apelido, ''Pequeno Polegar''. Mas ele nunca teve medo dos grandões. Muitos de seus gols foram de cabeça, tirando proveito do senso de colocação. Disciplinadíssimo, amigo de todo mundo, foi o atleta-símbolo do clube nos anos 70. Quando largou o futebol, em 1972, a torcida elegeu-o vereador e, mais tarde, deputado estadual.

EVERALDO

Ele foi tão importante que modificou a bandeira do clube. A estrelinha dourada que a enfeita foi colocada ali em sua homenagem, por ele ter integrado a Seleção Brasileira campeã do mundo em 1970. Naquele ano, quando o lateral-esquerdo Everaldo Marques da Silva voltou do México, Porto Alegre inteira se enfeitou para recebê-lo. Multidões foram para as ruas e toneladas de papel picado caíram dos edifícios a sua passagem em carro aberto.

De 1966, quando o ex-juvenil Everaldo estreou nos profissionais, até 1970, a torcida do Grêmio não se cansou de aplaudir sua jogadas discretas e eficientes. Daí em diante, passou a sentir-se honrada em tê-lo no time.

Um dia, em 1972 — surpresa —, o até então contido Everaldo deu um murro na cara do juiz José Faville Neto e pegou um ano de suspensão. Quando voltou, em 1973, a torcida o tratou como se o cavalheiro Everaldo não tivesse cometido aquela falta. Em 1974, quando já pensava em abandonar o futebol, percorria o interior gaúcho em campanha para deputado estadual pela Arena. Morreu na estrada, num acidente com seu Dodge Dart azul.



Abril

Everaldo: marcador implacável, lateral-esquerdo da Seleção tricampeã do mundo. Após brilhar no futebol, morreu num acidente na estrada

AÍRTON

Apenas os lendários Eurico Lara e Luís Carvalho foram ídolos por mais tempo que Aírton Ferreira da Silva, que reinou na zaga-central do Grêmio de 1955 a 1967. Era um becão de 1,87 m, até meio lento, mas nunca mais o Grêmio teve alguém tão bom quanto ele na posição.

A lentidão não era problema. Para compensá-la, Aírton tinha um grande senso de colocação e, acima de tudo, uma classe admirável. Depois de desarmar o adversário, era capaz de lhe aplicar dois ou três dribles antes de sair da área jogando. "Foi o maior zagueiro-central que vi em minha vida", afirma Osvaldo Rolla, seu técnico de 1955 a 1961. Foi Rolla quem o descobriu no pequeno Força e Luz, de Porto Alegre. Para contratar Aírton, o Grêmio deu o pavilhão (arquibancada) de seu antigo estádio, a Baixada, e nunca mais Aírton se livrou do apelido *Pavilhão*.

Em 1960, ele jogou alguns meses no Santos, por empréstimo, e, em 1962, esteve entre os jogadores que treinaram para a Copa do Mundo. Não ficou. Mas jamais saiu da memória da torcida. Pudera. Além de defender, Aírton ia à frente para marcar gols decisivos.





Fotos Abril

Aírton, o Pavilhão: em Gre-Nais nos Eucaliptos *(acima)* ou no Olímpico *(ao lado)*, o gesto característico de quem trazia tudo sempre sob absoluto controle

ALCINDO

O prazer dos gremistas ao torcerem por Alcindo não se devia apenas ao fato de ele ser um grande centroavante mas também — e talvez isso fosse o principal — por ter sido tirado do arquiinimigo Internacional. Revelado nos juvenis do Colorado como um implacável artilheiro, Alcindo Marta de Freitas foi levado pelo Grêmio e passou um ano emprestado ao Rio Grande para adquirir experiência. *Bugre Xucro,* como o chamavam, estreou no comando do ataque gremista em 1964. Até 1972, quando foi vendido ao Santos, infernizou as defesas contrárias — especialmente a colorada.

Tinha uma característica fatal: na entrada da área, recebia a bola de costas para o gol, protegia-a dos zagueiros com o corpo e girava rápido para o chute certeiro. Velocíssimo, sabia aproveitar os lançamentos milimetrados do meia-armador Sérgio Lopes. Em 1966, disputou a Copa do Mundo da Inglaterra e, em 1977, cinco anos após sua saída, retornou ao clube, colaborando para a conquista de mais um título gaúcho que o Grêmio não ganhava desde 1968.



Silvio Ferreira

Alcindo, o *Bugre Xucro:* terror da defesa do Inter por uma década inteira e centroavante da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1966

VALDO

Quando ele aparecia nas partidas preliminares, jogando pelos juniores, os torcedores sentiam a felicidade de estar ali, a vê-lo atuar, e a ansiedade de saber quando ele subiria para os profissionais. Era um desses talentos precoces em cujo futuro ninguém aposta, pelo simples fato de que não encontraria outro apostador. Pareceu se passarem décadas entre 1982, quando apareceu entre os meninos, e 1984, quando finalmente foi promovido, aos 20 anos. E aí Valdo Cândido Filho continuou a surpreender.

Como se não bastasse, toda aquela magreza, por um defeito congênito o negrinho não tinha o músculo peitoral esquerdo — e nem por isso deixou de bater recordes de movimentação e de humilhar adversários em campo. Raramente foi escalado em sua verdadeira posição, a meia-direita, e mesmo numa ponta ou outra se transformava no centro do jogo — os outros meio-campistas se transformavam em meros complementos. O drible fácil, mas sem exageros, a mobilidade, a agilidade e, sobretudo, a excepcional visão de jogo fizeram de Valdo o melhor armador brasileiro da segunda metade dos anos 80. Com ele, o Grêmio conquistou quatro campeonatos gaúchos consecutivos com grande facilidade — de 1985 a 88.

De forte personalidade, mas generoso e discreto, esse catarinense de Siderópolis, descoberto no Figueirense ainda garoto, era adorado pelos torcedores. Até os ladrões o respeitavam. Certa vez, um assaltante lhe pediu desculpas e o liberou com o carro depois de reconhecê-lo. No futebol, sofreu apenas uma injustiça. Convocado para a Copa do Mundo de 1986 por Telê Santana, não ficou sequer no banco em nenhuma das partidas do Brasil. No ano seguinte, já era o maior destaque da Seleção. Transferido para o Benfica, em 1988, restou aos gaúchos admirá-lo com a camisa amarela.



Lemyr Martins

Valdo: mobilidade, classe e visão de jogo, transformou o time no "Grêmio-Show" e se tornou imprescindível até para a Seleção

A SELEÇÃO DE TODOS OS TEMPOS

E AS URNAS FALARAM

Jornalistas, dirigentes e torcedores escolheram o Grêmio de todas as épocas quando Renato e Valdo estavam para explodir. Mesmo sem eles, eis aí um supertime

Em 1982, em sua edição 650, PLACAR publicou a seleção do Grêmio de todos os tempos, escolhida por torcedores, dirigentes e jornalistas. Ficou assim: Lara, Eurico, Aírton, Calvet e Ortunho; Élton, Gessi e Mílton; Tarciso, Luís Carvalho e Vieira. Se tivesse sido feita há pouco tempo, certamente a eleição apontaria outros pontas — Renato e Valdo. Ainda assim, a formação inclui jogadores de quase todas as épocas: Lara surgiu nos anos 20; o auge de Luís Carvalho foi nos 30; Calvet jogou nos 50; Aírton, Ortunho, Élton, Gessi, Mílton e Vieira, nos 50 e 60; Eurico e Tarciso, nos 70. Só faltou alguém dos anos 40, década em que, na verdade, o Grêmio não formou grandes equipes.

Em todo o caso, formou-se um magnífico esquadrão de sonhos. Dos anos 20 e 30, entraram **Lara** (treze votos) e Luís Carvalho (onze), o goleiro-lenda e o centroavante que ganhou o apelido castelhano de *El Maestro*. Para definir Lara, bastaria lembrar que, em seus quinze anos de Grêmio, ele só tomou um gol oriundo de escanteio — do uruguaio Figueroa, do Wanderers —, e ainda se diz que foi por ter sofrido falta no lance.

Luís Carvalho, que os vascaínos e botafoguenses conheceram de perto, ganhou o apelido de *El Maestro* por uma ironia. Certa vez, o Independiente, da Argentina, fez uma excursão por Rio e São Paulo e ganhou de todo mundo. Falava-se que era uma equipe de maestros do futebol. Na volta, os argentinos fizeram uma escala em Porto Alegre para enfrentar o melhor ▶



JB Scalco

Eurico: não foi dos mais famosos, mas entrou na Seleção por suas qualidades de marcador

A SELEÇÃO DE TODOS OS TEMPOS

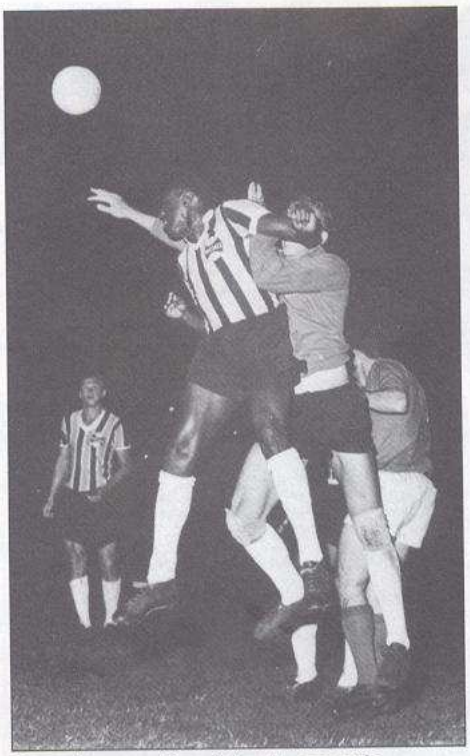
time da cidade. O Grêmio venceu e Luís Carvalho teve um desempenho tão sensacional que o *Correio do Povo* comentou no dia seguinte: "Maestro só apareceu um, e vestia a camisa 9 do Grêmio".

Como as grandes equipes dos anos 20 e 30, o clube só voltaria a formar outra nos 50. Sete jogadores escolhidos pertenceram a ela, pentacampeã gaúcha de 1956 a 1960, e alguns participaram da conquista do heptacampeonato, de 1962 a 1968.

O maior craque daquela fase foi, sem dúvida, o zagueiro-central **Aírton.** Osvaldo Rolla, técnico do pentacampeonato, recorda que Aírton exibia uma qualidade excepcional para um beque: "Ele tinha reflexos tão apurados quanto os de um atacante". Clássico numa época que beque-central devia ser durão e dar de bico para a frente, Aírton sentia prazer em humilhar os atacantes: após desarmá-los, driblava-os e só então fazia o passe. Arrebatava a torcida com suas arrancadas para o ataque e conseguiu muitas vitórias com seus gols de cabeça. Por tudo isso, recebeu 29 dos trinta votos.

O lateral-esquerdo **Ortunho** recebeu dezoito votos. Começou no Nacional de Porto Alegre (extinto), jogou no Vasco da Gama e voltou a sua cidade em 1959 para defender o Grêmio por oito anos. Grandalhão, sabia usar o corpo para marcar e, como Aírton, abusava da técnica. Osvaldo Rolla conta que, em 1959, num amistoso contra o Atlético Mineiro, em Belo Horizonte, Ortunho e Aírton fizeram tantos malabarismos em meio aos atônitos atacantes do Galo que o já então truculento técnico Iustrich recebeu seus jogadores a socos à saída de campo.

Calvet ficou com dez votos. Formou com Aírton uma dupla de zagueiros quase perfeita. Colocação, classe e domínio de bola eram seu forte. Dos quartos-zagueiros brasileiros de hoje, o que mais lembra seu estilo é Luizinho, ex-Atlético-MG. Calvet jogava mais por prazer que por dinheiro: após ser campeão gaúcho em 1956, voltou a sua Bagé, aborrecido porque o técnico só o escalava de volante. Em 1959, porém, o quarto-zagueiro titular Ênio Rodrigues operou o joelho e Calvet foi convidado a ocupar a posição. Voltou correndo. Em 1961, dono do próprio passe que era, aceitou uma proposta milionária do Santos, pelo qual seria bicampeão mundial.



Ortunho: o melhor lateral-esquerdo, pela classe na marcação e no apoio

O volante **Élton** recebeu dez votos, um mais que Noronha, volante do Grêmio nos anos 30 — e que, como lateral-esquerdo do São Paulo na década de 40, entra em sua seleção dos melhores de todos os tempos. Élton tinha um fôlego interminável. Protegia a zaga com garra, o que não o impediu de ser um dos artilheiros da equipe do pentacampeonato. Em 1963, transferiu-se para o Botafogo e, em 1966, para o Inter, no qual encerrou sua carreira em 1968.

Para a posição de meia-armador, o preferido foi **Mílton,** com treze votos. Osvaldo Rolla, o Foguinho, craque dos anos 30, ficou em segundo, com



Fotos Abril

Élton: o incansável marcador, que também fazia gols, entra como o melhor volante

quatro. Como técnico, lançou tanto Élton quanto Mílton. Ele diz do escolhido para a posição: ''Eleição merecida. Além de ser um homem de caráter nobre, Mílton foi um atleta de enorme utilidade. Era franzino, mas sua movimentação dava ritmo à equipe''. Mílton foi um gremista de coração: profissional desde 1953, jamais vestiu outra camisa. Encerrou a carreira em 1965 para abrir seu consultório de dentista.

O meia-direita **Gessi** (dezenove votos) tinha uma coisa em comum com Mílton: também era estudante de Odontologia. E muitas diferenças: era mais técnico, fumava, sofria de asma e, sobretudo, não gostava de futebol. Gessi Lima, gaúcho de Uruguaiana, jogava apenas para pagar seus estudos. Em 1963, transferiu-se para a Portuguesa, de Desportos (SP) e, no mesmo ano, voltou a Porto Alegre, onde abriu consultório. Morreu em 1989.

O sétimo representante daquela equipe é o ponta-esquerda **Vieira,** que recebeu catorze votos. Foi o primeiro ponta-esquerda com características de armador a fazer sucesso no futebol gaúcho. A armação de jogadas e o auxílio ao meio-campo, porém, não impediam o catarinense Vieira de chegar à linha de fundo e de lá fazer precisos cruzamentos para os companheiros.

E chegamos a Eurico e Tarciso, os representantes dos anos 70. Sem que isso signifique diminuir seus méritos, deve-se registrar que foram os jogadores escolhidos com menos votos — sete para Tarciso e oito para Eurico.

José **Tarciso** de Souza, mineiro de São Geraldo, qùe iniciou sua carreira no Grêmio em 1973, recebeu o mesmo número de votos de Hercílio, ponta-direita em 1956 e 1957. Mas, por ter conquistado mais títulos pelo clube e vestido a camisa 7 por muito mais tempo, foi o escolhido pela redação de PLACAR. Ressalte-se ainda que, na época da votação, Renato ainda não se tinha firmado na equipe. Tarciso se transferiu do América para o Grêmio como centroavante. Em 1977, passou para a ponta-direita — o melhor negócio de sua vida, pois se transformou num dos destaques do time e chegou à Seleção Brasileira.

As dificuldades na escolha do lateral-direito podem ser medidas pelas palavras do mais ilustre votante, o ex-ministro Leitão de Abreu: ''*Full-back* direito?'', dizia ele na época, pedindo tempo para pensar. E concluiu: ''Está difícil. O time nunca teve um grande jogador nessa posição. Ah, bota aí Paulo Roberto mesmo''. Mas o mais votado seria **Eurico** Pedro de Faria, paulista de Ribeirão Preto contratado em 1976, que encerrou a carreira em 1980. O Grêmio foi buscá-lo no Palmeiras pensando em suas qualidades de marcador, graças às quais chegara à Seleção Brasileira. Mas, incentivado pelo técnico Telê Santana, Eurico se revelou bom apoiador e chegou a marcar muitos gols. ●



Aírton, zagueiro-central, Vieira, ponta-esquerda, e Mílton, meia-armador: craques do grande Grêmio da década de 50, receberam na eleição o reconhecimento da torcida



Tarciso: beneficiado pelo fato de Renato não ter ainda despontado quando foi feita a votação, entra na ponta-direita

EDITORA ABRIL

ENDEREÇOS E TELEFONES

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400.
Tel.: (011) 877-1322. CEP 02909, Caixa Postal 2372

PLACAR

SÃO PAULO
Redação, Publicidade e Correspondência: r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04575, Caixa Postal 2372, tel.: (011) 545-8122, Telex (011) 23227, 23322 e 24134, FAX: (011) 522-1504, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Administração:** r. Jaguaretê, 213, Casa Verde, CEP 02515, tel.: (011) 858-4511.

ESCRITÓRIOS
BRASIL
Belo Horizonte: r. Marília de Dirceu, 226, 6.º e 7.º andares, Bairro de Lourdes, CEP 30170, tel.: (031) 275-2388, Telex (031) 1085

Brasília: SCS - Quadra 1, n.º 30, Edifício Central, 9.º, 10.º, 12.º e 13.º andares, CEP 70304, tel.: (061) 224-9150, Telex (061) 1464, FAX: (061) 226-7592, Telegramas Abrilpress

Campinas: r. Sacramento, 126, 13.º andar, cj. 131, CEP 13013, tel.: (0192) 32-1700

Curitiba: r. Fernandes de Barros, 491, 2.º andar, salas 5 e 6, Bairro Alto da Quinze, CEP 80040, tel.: (041) 262-8833, Telex (041) 5278

Florianópolis: av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 2.º andar, sala 101, Centro, CEP 88015, tel.: (0482) 22-7826, Telex (0481) 004

Fortaleza: av. Santos Dumont, 3060, salas 418/420/422, Aldeota, CEP 60150, tel.: (085) 244-0410, Telex (085) 1607

Novo Hamburgo: av. Bento Gonçalves, 2537, 7.º andar, sala 704, CEP 93510, tel.: (0512) 95-1293

Porto Alegre: av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 e 308, Bairro Menino Deus, CEP 90060, tel.: (0512) 33-2899, Telex (051) 1092, Telegramas: Abrilpress

Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, salas 902, 903 e 904, Bairro São José, CEP 50020, tel.: (081) 224-0977, Telex (081) 1184

Ribeirão Preto: av. Presidente Vargas, 1033, Alto da Boa Vista, CEP 14020, tel.: (016) 623-4262/4291

Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, Botafogo, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex (021) 22674, FAX: (021) 275-9347, Telegramas: Editabril/Abrilpress

Salvador: r. Itabuna, 304, Pq. Cruz Aguiar, Rio Vermelho, CEP 41910, tel.: (071) 247-3999, Telex (071) 1180

EXTERIOR
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99

REVISTAS PUBLICADAS PELA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • GUIA RURAL
GUIA DO ESTUDANTE • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE
Economia e Negócios
EXAME
Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
Esportes
PLACAR • GRID
Masculinas
PLAYBOY
Femininas
CLAUDIA • CLAUDIA MODA
ELLE • NOVA
MANEQUIM • MONTRICOT
CAPRICHO • MÁXIMA
Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA
ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
Infanto-Juvenis
O PATO DONALD, MICKEY, ZÉ CARIOCA,
TIO PATINHAS, MARGARIDA,
DISNEY JUNIORS, URTIGÃO,
ALEGRIA & COMPANHIA,
ALEGRIA EM QUADRINHOS, FOFÃO,
PATRÍCIA, O GORDO & CIA,
A TURMA DA FOFURA,
HE MAN, THUNDERCATS,
HOMEM ARANHA, CONAN,
BOLINHA, LULUZINHA,
MISTO QUENTE, SELEÇÃO DE CROMOS

1903 GRÊMIO FBPA

HINO ESCUDO E UNIFORME



Lemyr Martins

HINO

O autor do hino oficial do Grêmio foi um dos mais famosos compositores brasileiros: Lupicínio Rodrigues. Composto em 1953, ano em que uma greve do sistema de transportes inspirou o refrão imortal: "Até a pé nós iremos..."

Esta é a letra completa:

Até a pé nós iremos/Para o que der e vier/Mas o certo é que nós estaremos/Com o Grêmio onde o Grêmio estiver.

Cinqüenta anos de glória/Tens imortal tricolor/Os feitos de tua história/Canta o Rio Grande com amor.

Até a pé nós iremos... (bis)

Nós como bons torcedores/Sem hesitarmos sequer/Aplaudiremos o Grêmio/Onde o Grêmio estiver.

Até a pé nós iremos... (bis)

Lara o craque imortal/Soube o seu nome elevar/Hoje com o mesmo ideal/Nós saberemos te honrar.

Até a pé nós iremos... (bis)





ESCUDO

O escudo do Grêmio sofreu poucas modificações desde sua criação, em 1903. Seu desenho inicial simbolizava a primeira bola de futebol do clube, cedida por Cândido Dias da Silva.

No desenho original, o globo tinha dois raios verticais em azul, ao centro uma faixa branca com as letras G (em cima) e PA (embaixo), e no sentido horizontal uma faixa preta com a inscrição Foot-Ball. Posteriormente introduziu-se o desenho atual: raios horizontais no fundo azul, com o ano de fundação em cima, o nome *Grêmio* ao centro e as iniciais FBPA embaixo.

Editora Abril
Editor e Diretor: VICTOR CIVITA
Diretor Superintendente: Roberto Civita
Diretores: Angelo Rossi, Edgard de Silvio Faria, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, Placido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa
Diretor de Assuntos Corporativos Guilherme Velloso

DIVISÃO REVISTAS
Diretor: Thomaz Souto Corrêa
Diretores de Área Antonio Carlos Ribeiro da Silva, Carlos Roberto Berlinck, Miguel Sanches, Oswaldo de Almeida, Ricardo Vieira de Moraes, Vanderlei Bueno

PLACAR

Diretor de Grupo: Juca Kfouri

REDAÇÃO
Editor: Divino Fonseca
Chefes de Redação: Alfredo Ogawa e Alvaro Almeida
Editores: Mário Sérgio Venditti e Sérgio Quintanilha
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Repórteres: Edson Rossi, Katia Perin, Ubiratan Brasil
Fotógrafos: Nélson Coelho, Orlando Kissner, Silvio Porto
Editor de Arte: Walter Mazzuchelli
Chefe de Arte: Alberto S.L. Magalhães
Diagramadores: André Luiz Pereira da Silva, José Jonas de Lima, José da Luz Tenório, José Dionísio Filho, Rosalina Sasaki, Sergio Prado Martins
Secretários de Produção: José Batista de Carvalho, Renê Santos Filho
Preparação de Texto: José Gustavo Vasconcellos
Produção: Sebastião Silva
Atendimento ao Leitor: Maurício Rodrigues
Sucursais
Rio de Janeiro - Chefe: Carlos Orletti
Repórteres Rio: Gilmar Ferreira, Jorge Luiz Rodrigues, Martha Esteves; **Fotógrafos:** Ari Gomes, Marco Antonio Cavalcanti, Nilton Claudino da Silva; **Produção:** Marcelo de Jesus; **Belo Horizonte - Repórter:** Manuel Muniz; **Fotógrafo:** Nélio Rodrigues; **Curitiba - Repórter:** Roberto José da Silva; **Fotógrafo:** Sérgio Sade; **Porto Alegre - Repórter:** Divino Fonseca; **Fotógrafo:** Lemyr Martins; **Salvador - Repórter:** Luiz Brito

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni
Escritório Nova York: Dorrit Harazim (gerente), Frances Furness (assistente)
Escritório Paris: Fernando Pacheco Jordão (gerente), Álvaro Teixeira (assistente)
Departamento de Documentação - Gerente: Susana Camargo
Serviços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinelli
Automação Editorial - Gerente: Júlio Bartolo

COMERCIAL
Gerente de Publicidade: Celso Marche
Gerente de Circulação: Marlene Conti Canto
Assistente Comercial: Rafael Vieira Filho
Coordenadora: Tieko Kuniyuki
Supervisor: Ricardo O. Lima (RJ)
Contatos: Antonio Carlos de Campos, Alda Nogueira, Ricardo Brambilla (SP)

Diretor Regional: Dreyfus Soares
Escritórios Regionais: Valter Cruz Gonçalves (Belo Horizonte); Gilberto Amaral de Sá (Brasília); Paulo Cesar D. Zambotti (Campinas); Angelo A. Costi (Curitiba); Geraldo Nilson de Azevedo (Florianópolis); A. Simone R. Souto (Fortaleza); Elcenho Engel (Porto Alegre); Ana Maria de Oliveira (Recife); Elisabeth Silveira (Salvador)
Representante: Intermídia (Ribeirão Preto)

Diretora de Promoção e Pesquisa de Mídia: Haydée Gomes Guersoni
Diretor de Propaganda: Ivo Carlos De Maria

DIRETORES DIVISIONAIS
Diretor Assinaturas: Eduardo Frezza
Diretor Publicidade Regional: Julio Cosi
Diretor Escritório Rio: Sebastião Martins
Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Responsável: Juca Kfouri

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas; se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das revistas Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
Serviço ao Assinante: (011) 823-9222

IMPR. NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.





UNIFORME

Na primeira reunião para a escolha das cores do Grêmio prevaleceu a sugestão de Joaquim F. Ribeiro: havana, branco e preto, em lugar do vermelho, branco e preto que desejava o fundador Cândido Dias da Silva. Mas descobriu-se que era quase impossível encontrar tecido havana no comércio local, e essa cor foi então substituída pelo azul.

No primeiro uniforme, a camisa era tricolor de listras verticais, como hoje, os calções e meias pretos, e as chuteiras brancas — como as gravatas. Hoje, as meias são brancas, e no uniforme reserva a camisa também é branca, com uma faixa superior em azul delimitada por preto, nas mangas. E há ainda um terceiro uniforme, todo branco e com o escudo tricolor.

